UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

BRUNA GISELE MOTTA

CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DOS LUGARES, INSTITUIÇÕES E DOCUMENTOS: UM ESTUDO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA “Pe. ANTÃO JORGE” DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Marília/SP

2015

BRUNA GISELE MOTTA

CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DOS LUGARES, INSTITUIÇÕES E DOCUMENTOS: UM ESTUDO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA "Pe. ANTÃO JORGE" DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Marília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leandra Bizello.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Marília/SP

2015

Motta, Bruna Gisele.
M858c Construção da memória a partir dos lugares, instituições e documentos: um estudo do Centro de Documentação e Memória “Pe. Antão Jorge” do Santuário Nacional de Aparecida / Bruna Gisele Motta. – Marília, 2015.
92 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.
Bibliografia: f. 72-74
Orientador: Maria Leandra Bizello.

1. Centro de documentação. 2. Documentos arquivísticos. 3. Documentos. I. Título.

CDD 025.171

CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DOS LUGARES, INSTITUIÇÕES E DOCUMENTOS: UM ESTUDO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA "Pe. ANTÃO JORGE" DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Marília.

Aprovado em: 05/05/2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Maria Leandra Bizello (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

Profa. Dra Telma Campanha de Carvalho Madio (Membro)
Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília)

Profa. Dra Bianca Gonçalves de Souza (Membro)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Dedico este trabalho a minha família!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por esta oportunidade e por me dar força, sabedoria e perseverança nessa caminhada.

Agradeço aos meus pais, Cristina e Celso, que são pessoas com quem eu sei que sempre posso contar e sempre me apoiam e incentivam em todos os momentos.

Agradeço ao meu irmão Guilherme pelas diversas formas de ajuda.

Agradeço ao meu companheiro e amigo César pela paciência, incentivo, apoio, conselhos e conversas. Muito obrigada por tudo!

Agradeço a minha orientadora, Leandra, pela confiança, por ter acreditado no meu trabalho, pelos ensinamentos, orientações, auxílios e conversas. Professora, muito obrigada por tudo!

A professora Bianca Gonçalves de Souza e a professora Telma Campanha de Carvalho Madio pela gentileza de aceitar o convite para participar das bancas de qualificação e defesa e pelas importantes contribuições, muito obrigada!

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas que possibilitaram a minha permanência em Marília e a dedicação exclusiva ao mestrado.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Ciência da Informação que contribuíram para a minha formação e a todos os funcionários da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília) pelo comprometimento e pelo excelente trabalho desempenhado.

Agradeço aos funcionários do Santuário Nacional de Aparecida, em especial ao Centro de Documentação e Memória “Pe. Antão Jorge” (CDM) e ao Dom Darci José Nicioli, que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço aos meus queridos amigos e colegas conquistados na Graduação e na Pós-Graduação e aos meus queridos amigos de Itápolis.

Enfim, gostaria de agradecer a todos que contribuíram ao longo desses dois anos, de forma direta ou indireta, tanto para mais uma formação acadêmica quanto pessoal. Muito Obrigada!

“O esquecimento, frequentemente, é uma graça. Muito mais difícil que lembrar é esquecer! Fala-se de boa memória. Não se fala de bom esquecimento, como se esquecimento fosse apenas memória fraca. Não é não. Esquecimento é perdão, o alisamento do passado, igual ao que as ondas do mar fazem com a areia da praia durante a noite”. (Rubem Alves)

MOTTA, B. G. **Construção da memória a partir dos lugares, instituições e documentos: um estudo do Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge" do Santuário Nacional de Aparecida.** Marília: Unesp, 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) – Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Câmpus de Marília.

RESUMO

A memória está associada à ação de lembrar e esquecer e é um campo que envolve disputas e conflitos. É estruturada por diferentes pontos de referência: acontecimentos, pessoas/personagens e lugares, para complementar a memória e para que os acontecimentos não sejam esquecidos. Existe uma relação entre memória e as instituições que produzem e acumulam documentos. Os centros de documentação estão presentes em vários cenários e áreas do conhecimento, trabalham com informações especializadas e os documentos neles presentes possuem a função de informar. Por meio desse trabalho busca-se responder o seguinte problema de pesquisa: como o Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge" e os documentos ali presentes contribuem para a construção da memória? A pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como exploratória, cujo método aplicado é o estudo de caso. O universo de pesquisa é constituído pelo Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge" e os documentos presentes, localiza-se na cidade de Aparecida, estado de São Paulo. Com resultado desse trabalho, compreendemos que o CDM possui uma grande quantidade de documentos que conta uma história de quase 300 anos, que possibilita conhecer a cidade de Aparecida, o Santuário Nacional e a devoção à Nossa Senhora Aparecida, está relacionado à ideia de identidade, memória e construção da memória.

Palavras-chave: Memória; Lugar de Memória; Centro de Documentação; Documento; Santuário Nacional de Aparecida.

MOTTA, B. G. **Construction of memory from the places, institutions and documents: a study by the Center for Documentation and Memory "Pe. Antão Jorge" of the Santuário Nacional de Aparecida.** Marilia: Unesp, 2015. Dissertation (Master) – Graduation Program in Information Science – Faculty of Philosophy and Sciences – Sao Paulo State University – Marilia City.

ABSTRACT

The memory is associated with the action of remembering and forgetting and is a field that involves disputes and conflicts. It is structured by different reference points: events, people/characters and places to complement the memory and that the events are not forgotten. There is a relationship between memory and the institutions that produce and accumulate documents. Resource centers are present in various scenarios and areas of knowledge, work with specialized information and documents contained therein have to inform function. Through this work we seek to answer the following research problem: as the Center for Documentation and Memory "Pe. Antão Jorge" and those present documents contribute to the construction of memory? The research is qualitative in nature, characterized as exploratory, which applied method is the case study. The research base consists of the Documentation Center and Memory "Pe. Antão Jorge" and these documents, located in the city of Aparecida, State of São Paulo. With result of this work, we understand that the CDM has a lot of documents that has a history of almost 300 years, it lets us know the city of Aparecida, the Santuário National and devotion to Our Lady of Aparecida, is related to the identity of idea, memory and memory building.

Keywords: Memory; Place of Memory; Documentation Centre; Document; Santuário Nacional de Aparecida.

LISTA DE FIGURAS

P.

Figura 1: Organograma Geral 47

Figura 2: Organograma Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge" do Santuário Nacional de Aparecida 48

LISTA DE TABELAS

P.

Tabela 1: Fundo Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual 53

Tabela 2: Fundo Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida referente ao acervo textual 56

Tabela 3: Fundo Matriz Paróquia referente ao acervo fotográfico e audiovisual 61

Tabela 4: Fundo Matriz Paróquia referente ao acervo textual 61

Tabela 5: Fundo Município de Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual 62

Tabela 6: Fundo Município de Aparecida referente ao acervo textual .. 63

Tabela 7: Fundo Redentorista referente ao acervo fotográfico e audiovisual 64

Tabela 8: Fundo Redentorista referente ao acervo textual 64

Tabela 9: Fundo Rádio e TV Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual 65

Tabela 10: Fundo Rádio e TV Aparecida referente ao acervo textual ... 65

Tabela 11: Fundo Editora Santuário referente ao acervo fotográfico e audiovisual 66

Tabela 12: Fundo Editora Santuário referente ao acervo textual 66

LISTA DE SIGLA

CDM – Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge"

CSsR – Congregação do Santíssimo Redentor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 MEMÓRIA 19

2.1 Discutindo a memória 19

2.2 O conceito de memória 23

2.3 Ainda falando sobre a memória 30

3 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 34

4 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA "PE. ANTÃO JORGE" DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA 44

4.1 Fundo Santuário Nacional Nossa Senhora da Conceição Aparecida . 51

4.2 Fundo Matriz Paróquia 60

4.3 Fundo Município de Aparecida 61

4.4 Fundo Redentoristas 63

4.5 Fundo Rádio e TV Aparecida 64

4.6 Fundo Editora Santuário 66

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 69

REFERÊNCIAS 72

ANEXOS 75

ANEXO A – Tabela com a relação de documentos presentes na Fundação de Energia e Saneamento sobre o projeto de consultoria realizado no CDM 76

ANEXO B – Termo utilizado pelo CDM para a transferência de documentos 78

APÊNDICES 79

Apêndice A – Questionário respondido pela coordenadora do CDM via e-mail 80

Apêndice B – Entrevista realizada no dia 11/03/2015 com Dom Darci José Nicioli 86

1 INTRODUÇÃO

A memória faz parte de uma área interdisciplinar, em princípio era vista como algo referente à psicologia, à ciência e à história, por meio dos estudos realizados no decorrer do tempo, a memória passa a ocupar um novo contexto, vista como disciplina, possibilitando novos entendimentos e o diálogo com outros campos do conhecimento, que permite seu melhor entendimento.

Alguns acontecimentos foram relevantes para os progressos e desenvolvimentos alcançados pela memória, como o aparecimento da escrita, o surgimento da imprensa, a fotografia e os avanços tecnológicos que provocaram mudanças significativas na ideia e no conceito de memória.

Definir o que é memória trata-se de uma tarefa complexa, pois é um campo que envolve disputas e conflitos. A memória pode ser caracterizada como individual e coletiva, está associada à ação de lembrar e esquecer, pois o ser humano não consegue recordar todos os fatos vividos.

A memória é estruturada por pontos de referência, que são: os acontecimentos, as pessoas/personagens e os lugares. Podem estar relacionados a fatos concretos, que realmente foram vividos pela pessoa, ou podem ser projeções, transferências e vestígios de outros acontecimentos (POLLAK, 1992).

Para caracterizar a memória podemos citar o trabalho de enquadramento da memória e o trabalho da própria memória em si. A memória não pode ser construída de forma aleatória, se faz necessário definir parâmetros para estabelecer o que se quer ou não preservar do passado vivido. Dessa maneira, para a memória poder trabalhar por si só para manter, fortalecer e contribuir com o sentimento de pertencimento e identidade do grupo (POLLAK, 1992).

A memória pode ser representada por meio de elementos materiais, culturais, literários, religiosos, sensoriais, entre outros. Vivemos em um contexto em que tudo acontece de forma muita rápida, nesse cenário os lugares de memória são referências para que os acontecimentos sejam lembrados.

Alguns exemplos de lugares de memória: os monumentos construídos aos mortos; os costumes de um país (no Brasil é comum cumprimentarmos as pessoas com um beijo no rosto); um caderno de receita ou uma agenda, para não esquecermos como faz um doce ou de um compromisso; uma data comemorativa (para os católicos a Quarta-feira de Cinzas representa o primeiro dia da Quaresma e um dia que se faz abstinência de carne vermelha); um cheiro ou uma música pode fazer lembrar-nos de uma pessoa; entre outros. Esses exemplos apenas serão considerados lugares de memória se forem acionados como tal e se apresentarem significado para a pessoa.

No dia a dia, o ser humano produz e acumula documentos, que comprovam as atividades realizadas. De maneira simplificada, instituição é local que guarda documentos. E documento pode ser considerado algo tangível, em um suporte material que contém uma informação. Entendemos que existe uma relação entre memória e as instituições que produzem e acumulam documentos.

O Renascimento e o Iluminismo[1] foram importantes movimentos que marcaram períodos de transição e ruptura que trouxeram muitas contribuições e ocasionaram importantes mudanças. Entre elas, o conceito de patrimônio ganhou espaço e a memória passou a ser entendida como uma maneira de aproximar o homem e o passado.

Aos poucos, os arquivos, as bibliotecas, os centros de documentação, os museus, começaram a ganhar espaço e expandir. Entre as instituições mencionadas, destacamos os centros de documentação, que estão presentes em vários cenários e áreas do conhecimento.

Os centros de documentação trabalham com informações especializadas e é importante mencionar que os documentos neles presentes possuem a função de informar.

Tendo em vista esse contexto, destacamos o Centro de Documentação e Memória “Pe. Antão Jorge” (CDM[2]), localizado na cidade de Aparecida, estado de São Paulo, foi inaugurado em Outubro de 2001. Foi um projeto

[1] As informações sobre Renascimento e Iluminismo foram elaboradas com base nos autores: Bakhtin; Queiroz e Yates.
[2] Utilizaremos a sigla CDM no decorrer da dissertação para nos referirmos ao Centro de Documentação e Memória “Pe. Antão Jorge”.

elaborado com base na busca por informações e documentos sobre o Santuário Nacional e a devoção à Nossa Senhora Aparecida. Dessa maneira, reconheceram a necessidade de criar um espaço onde fosse possível armazenar, organizar e disponibilizar essas informações e documentos.

No que diz respeito ao acervo do CDM, conta com documentos textuais, fotográficos e audiovisuais, são organizados e divididos em fundos, grupos, subgrupos e séries, há documentos desde a vinda dos primeiros missionários redentoristas ao Brasil, referentes à história da devoção à Nossa Senhora Aparecida, à construção do Santuário Nacional e aos acontecimentos históricos, entre outros.

Frente ao exposto, busca-se responder o seguinte problema de pesquisa: como o CDM e os documentos ali presentes contribuem para a construção da memória?

Destacamos como objetivos específicos dessa pesquisa:

- Identificar, caracterizar e relacionar os conceitos referentes à ‘Memória’ e ‘Centro de Documentação’;
- Apresentar o CDM e analisar de forma geral a documentação.

E relacionar estes pontos para atingir o objetivo geral da pesquisa: Estudar como o CDM e os documentos presentes contribuem para a formação da memória.

A pesquisa justifica-se pelo fato de que a memória pode ser considerada uma maneira de fornecer um senso de identidade à população e os lugares, no caso desse trabalho uma instituição e os documentos presentes, podem ser entendidos como uma forma de preservar a memória.

Devido às objetivações do tema, tem-se a oportunidade de discutir os conceitos de memória e centro de documentação e estabelecer uma relação com o objeto de estudo, o CDM.

Levando em conta os conceitos abordados no trabalho e o universo de pesquisa, é possível a realização do trabalho, pois se trata de uma instituição que conta com informações registradas em suportes materiais e o acervo é composto por documentos acumulados e tratados que possibilitam o exercício da pesquisa.

Este trabalho poderá colaborar com o desenvolvimento da área de Ciência da Informação, Arquivologia e Memória, e ainda produzir materiais científicos, para assim aprofundar as questões relacionadas ao tema, e, a possibilidade de identificação de outros problemas de pesquisa a partir deste.

Por fim, insere-se o interesse da pesquisadora, que pretende compreender como o CDM e os documentos presentes contribuem para a construção de uma memória.

De acordo com os objetivos propostos pela pesquisa o método utilizado para alcança-los foi o estudo de caso. O trabalho é de natureza qualitativa, caracterizado como exploratório.

Yin (2001, p. 32) define estudo de caso como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Esse método é utilizado para estudar uma realidade específica.

No que diz respeito aos procedimentos técnicos do trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica. Em princípio foi realizado o levantamento bibliográfico com base em livros, artigos, revistas, teses, etc, para fundamentar o trabalho. Após o levantamento bibliográfico, realizou-se a leitura e o fichamento de textos da área de Ciência da Informação e Arquivologia, mais especificamente sobre Memória e Centro de Documentação, para a elaboração do referencial teórico e para melhor compreensão do tema e objeto investigado.

Em seguida, com base nas leituras realizadas, elaborou-se um questionário com quatorze questões, que se aplicou à coordenadora do CDM através de *e-mail*. Após a coordenadora responder o questionário, interpretou-se as informações obtidas. Em 16 de Setembro de 2014, realizou-se a visita para conhecer o CDM. Na oportunidade aproveitou-se para esclarecer alguns pontos que não ficaram claros no questionário. Para complementar a pesquisa, no dia 11 de março de 2015, realizou-se uma entrevista com Dom Darci José Nicioli, que foi um dos idealizadores do CDM.

E, por fim, realizou-se a interpretação das informações obtidas a partir da pesquisa bibliográfica, do questionário, da visita, e da entrevista com a finalidade de atingir os objetivos propostos pela pesquisa.

A pesquisa estrutura-se da seguinte maneira:

A “Introdução” apresenta de modo geral a temática abordada na pesquisa, discorre de maneira sucinta sobre os conceitos de memória e centro de documentação e apresenta nosso objeto de estudo, o CDM. Definimos o problema, o objetivo geral e os objetivos específicos, a justificativa e os procedimentos metodológicos adotados.

Na segunda seção “Memória”, discutimos o conceito de memória e apresentamos alguns períodos relevantes para os avanços obtidos no decorrer do tempo. Caracterizamos a memória como individual ou coletiva, é seletiva, envolve conflitos, está ligada ao sentimento de identidade e pertencimento. Definimos os pontos de referência que estruturam a memória: acontecimentos, pessoas e/ou personagens e os lugares, e relacionamos com a ideia de projeção, transferência e vestígio. Discorremos sobre o trabalho de enquadramento da memória e o trabalho da própria memória em si.

Na terceira seção “Centro de Documentação”, apresentamos alguns períodos para melhor compreender como os centros de documentação surgiram e ganharam espaço. Discutimos e definimos o que é centro de documentação. Pouco a pouco, eles foram progredindo, alcançaram vários cenários e áreas do conhecimento. Os centros de documentação guardam documentos sobre uma determinada temática, para atender a necessidade de informação especializada e preservar a memória.

Na quarta seção “Centro de Documentação e Memória ‘Pe. Antão Jorge’ do Santuário Nacional de Aparecida”, discorremos sobre o processo de idealização e concretização do CDM, que foi criado com o intuito de atender a necessidade de estudantes, pesquisadores e religiosos que buscavam informações sobre o Santuário Nacional e a devoção à Nossa Senhora Aparecida. O acervo do CDM é constituído por documentos textuais, fotográficos e audiovisuais, divididos em seis fundos, fizemos uma breve explanação de cada fundo que forma o acervo e elaboramos tabelas para apresentar os documentos presentes no CDM.

Na quinta seção “Considerações Finais”, expomos algumas reflexões e conhecimento construído durante o desenvolvimento da pesquisa, com base nos objetivos propostos.

2 MEMÓRIA

Nesse capítulo vamos discutir o conceito de memória, apresentaremos algumas fases que foram importantes para os avanços e progressos alcançados. A memória pode ser caracterizada como individual ou coletiva, envolve conflitos e disputas, está sempre em transformação e é vivida e lembrada no presente. Apresenta como referência e pontos de referência os acontecimentos, as pessoas e/ou personagens e os lugares, podendo ser concretos e reais ou podendo ser projeções, transferências e vestígios de outras épocas. A ideia de memória está associada ao fato de ela ser seletiva; aos sentimentos de identidade e pertencimento; e aos trabalhos de enquadramento e de manutenção e continuidade da memória.

2.1 Discutindo a memória

Para Le Goff (2003, p. 419-420), o conceito de memória faz parte de uma área interdisciplinar, que a princípio era entendida como algo psíquico. Está relacionado à ciência e à história.

Complementando essa ideia apresentada por Le Goff, Bizello menciona que: “[...] estudar a memória é também delimitar uma fronteira muito tênue entre as diversas ciências que se ocupam dela e por outro lado, utilizar tais ciências para sua compreensão” (BIZELLO, 2009, p. 263). Ou seja, é determinar limites entre a ciência, a história, a psicologia e as diferentes áreas que estudam o conceito de memória e utilizar essas mesmas áreas para seu melhor entendimento.

Quando estamos realizando um estudo sobre a memória se faz importante dar atenção “às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita” (LE GOFF, 2003, p. 423). Existe uma distinção entre culturas orais e culturas escritas. E, ainda, é importante dar atenção à passagem da oralidade para a escrita, que é um processo de difícil compreensão.

Le Goff, para melhor entendimento da memória, realiza um estudo histórico da memória, dividindo a história da memória coletiva em cinco períodos:

> 1) a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas "selvagens"; 2) o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; 5) os desenvolvimentos atuais da memória (LE GOFF, 2003, p. 423).

Dessa maneira, esses períodos referem-se às sociedades sem escrita, ao aparecimento da escrita e aos progressos e desenvolvimentos alcançados pela memória ao longo do tempo. Com base nesse conceito, Bizello destaca o quarto e o quinto períodos, pois:

> Neles a memória se expande em seus suportes. Lentamente, essa expansão acontece com a imprensa, no fim da Idade Média. Até então, a produção e transmissão da memória eram essencialmente atividades orais, mesmo que a escrita tenha aparecido possibilitando outra maneira de guardar e produzir memória (BIZELLO, 2009, p. 263).

Nas comunidades sem escrita a memória coletiva organiza-se levando em conta três aspectos: a identidade coletiva do grupo, o valor atribuído às famílias dominantes e o conhecimento técnico. Nesse contexto, a memória coletiva está relacionada aos mitos de origens e as narrações (LE GOFF, 2003, p. 427).

Benjamin (1987) em seu texto "O narrador", aponta que o narrador sempre vai contar alguma coisa a alguém, pode partir da sua própria experiência ou das experiências relatadas pelos outros, na sua fala é comum a presença de vestígios. É necessário que a narração aconteça de forma íntegra, pois ela é caracterizada como coletiva. Nesse sentido, é importante que, tanto quem conte como quem escute, estejam envolvidos, para que ela aconteça de forma verdadeira e eficaz.

De acordo com Ribeiro (2010, p. 37), a narrativa é um discurso que busca a origem das coisas, "apresenta uma capacidade de trazê-la para o

presente, quebrando tempo e espaço; ela também reforça a ideia nostálgica de um passado que se quer restaurar utopicamente no hoje".

O aparecimento da escrita ocasionou consideráveis transformações da memória coletiva, possibilitando um duplo avanço e o desenvolvimento de dois suportes para a memória, o monumento e o documento.

Le Goff (2003, p. 427-428) menciona que monumento: "é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume, então, a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia". E a outra forma é o: "[...] documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita". É importante destacar que o documento pode ser considerado monumento. No caso do documento monumento, as duas funções principais da escrita são armazenar informações para comunicação futura por meio do registro e possibilitar a passagem do oral para o escrito.

Segundo Ribeiro (2010, p. 40), quando pensamos o documento como: "[...] prova e/ou registro material é compreendê-lo, então, a partir disso, como um suporte de memória".

O que sobrevive é a relevância que o acontecimento alcançou, tendo em vista o tempo e a humanidade e, ainda, os esforços dos que se dedicam a estudar e/ou entender o passado.

O surgimento da imprensa revoluciona, de forma lenta, a memória, constituindo uma forma de ampliar a memória coletiva e exteriorizar a memória individual, por meio do escrito. Com a imprensa:

> não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito (LEROI-GOURHAN, 1964-1965, p. 69-70 apud LE GOFF, 2003, p. 452).

A imprensa ocasionou significativas mudanças na sociedade e causa influencia até os dias atuais. Antes de seu surgimento a divulgação das informações acontecia de forma limitada, com ela as informações passaram a

ser divulgadas de maneira mais rápida ao alcance de um número maior de pessoas. A invenção da imprensa situou “[...] a longa agonia da arte da memória”, período que faz referência ao fim da Idade Média e o início do século XVIII (LE GOFF, 2003, p. 452).

No século XIX e início do século XX, surgem dois fenômenos importantes para a memória coletiva, o primeiro é: “[…] a construção de monumentos aos mortos”. Após a primeira Guerra Mundial, a celebração fúnebre passa a ser vista de outra maneira, buscando quebrar os limites da memória relacionados ao anonimato. E o segundo é “[...] a fotografia, que revoluciona a memória”, ampliando-a e popularizando-a, atribuindo uma ideia de exatidão e veracidade, constituindo uma forma de guardar a memória do tempo (LE GOFF, 2003, p. 460).

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, temos o aparecimento das grandes máquinas de calcular. No século XX, principalmente após 1950, a eletrônica revoluciona a memória, segundo Bizello:

> As máquinas de calcular, a fabricação de cérebros artificiais, os computadores, são máquinas que ultrapassam o cérebro humano, mas em relação à memória humana são auxiliares, não a substituem. Auxiliam como banco de dados – inclusive para a história – ou como instrumentos para a biologia, a medicina dentre outras aplicações (BIZELLO, 2009, p. 263-264).

No que diz respeito à memória, Le Goff (2003, 469) aponta: “[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” A memória coletiva pode ser considerada uma conquista e, ainda, um objeto e um instrumento de poder. É de extrema importância que os profissionais científicos que lidam com a memória batalhem pela democratização da memória.

2.2 O conceito de memória

A memória está relacionada à capacidade de lembrar. Quando pensamos em memória é comum associá-la à lembrança, recordação, registro, entre outros termos.

As recordações podem se ordenar de duas formas: levando em conta uma determinada pessoa e em torno de um determinado grupo. Podemos afirmar segundo Halbwachs (2006, p. 71) que: “[...] existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas [...] o indivíduo participaria de dois tipos de memórias.” A memória individual pode se apoiar na memória coletiva para tornar as lembranças mais precisas, mas em alguns momentos ela pode se alterar ou se confundir. E na memória coletiva existem memórias individuais, no entanto nesse caso elas não se confundem.

Ainda de acordo com Halbwachs, memória individual não significa que ela está “[...] inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Vale lembrar que quando falamos que determinada memória é individual não significa que apenas uma pessoa esteja envolvida no fato, fisicamente pode até ser, mas essa pessoa trás consigo conhecimento que foi construído ao longo do tempo, baseado na fala de outras pessoas, por meio de leituras, de imagens. Para a memória individual funcionar são necessários esses recursos, pois ela está restrita à ideia de tempo e espaço.

As memórias coletivas “[...] não conduzem a datas, a nomes e a fórmulas – eles representam correntes de pensamento e de experiência em que reencontramos nosso passado apenas porque ele foi atravessado por tudo isso” (HALBWACHS, 2006, p. 86). Complementando a definição de memória coletiva, Murguia (2010, p. 22) menciona que entre as aspirações da memória coletiva estão: “a subjetividade, a presentificação do passado e a estabilidade temporal”.

A memória coletiva nos remete a fatos que nos identificamos. É caracterizada como subjetiva, faz acontecimentos do passado serem sentidos

como presentes e não apresenta precisão temporal. Desse modo, contribui para a formação de uma identidade, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

A memória individual deve se basear na memória coletiva. É essencial para a sensação de pertencimento a determinado grupo, caracterizando os conflitos, tanto internos quanto externos.

Existem acontecimentos que são únicos e que alteram a maneira de viver de um grupo. Como, por exemplo, uma guerra, uma festa popular, uma cerimônia nacional, entre outros. Esses fatos cruzam nossa consciência individual e a modificam.

Por meio das datas é possível nos recordarmos dos acontecimentos ocorridos. No Brasil podemos destacar algumas datas que nos fazem lembrar fatos históricos, como: 21 de abril – Tiradentes; 22 de abril – Descobrimento do Brasil; 07 de Setembro – Independência do Brasil; 15 de Novembro – Proclamação da República; entre outras. Essas datas representam a memória coletiva e o sentimento de pertencimento.

Segundo Pollak, “há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (POLLAK, 1989, p. 9). É comum os mais jovens se respaldarem nas memórias dos mais velhos, pois por meio delas é possível ter acesso aos acontecimentos passados, representam um determinado período vivido e ensinam os costumes e tradições das sociedades que eles viveram/vivem. Sendo assim, são os acontecimentos e o jeito de ser e pensar que se fixa na memória. Se pararmos para pensar, os vários costumes atuais apresentam como base os costumes antigos.

De acordo com Pomian (2000 apud RIBEIRO, 2010, p. 41), “a memória é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, embora sempre se mantendo no presente, com o passado”. A recordação constitui uma forma de reconstrução e compreensão, que se dá com o auxilio de informações do passado utilizadas e lembradas no presente.

No que diz respeito ao passado, podemos dizer que deixou muitas marcas na sociedade de hoje: “[...] às vezes visíveis, e que também

percebemos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes" (HALBWACHS, 2006, p. 87). O passado está na nossa memória e nos mostra sinais que tornam os fatos mais claros. Seja o passado absorvido de forma consciente ou inconsciente, ás vezes, apenas lembramos partes dele ou ainda temos a noção do panorama que dele reconhecemos/recordamos.

As duas funções principais da memória são: "Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum" (POLLAK, 1989, p. 09). Isso quer dizer, oferece referências e pontos de referências sobre os acontecimentos vividos. É importante destacar que existem algumas memórias que os pontos principais, ou marcos constituinte, não variam e nem se alteram no decorrer do tempo. Ocorrem apenas reformulações de acordo com a época que é retomada.

A memória é estruturada por diferentes pontos de referência apresentando como elementos constitutivos: os acontecimentos; pessoas e/ou personagens; e os lugares. Pollak menciona que os acontecimentos:

> Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (POLLAK, 1992, p. 201).

Os acontecimentos podem ser vividos individual ou coletivamente, podem ser acontecimentos que a pessoa participou, ou, que a pessoa não participou, porém atribuiu relevância ao fato.

Além dos acontecimentos a memória também é constituída por pessoas e/ou personagens. Para falar sobre as pessoas e/ou personagens, podemos partir da mesma ideia que utilizamos para falar sobre os acontecimentos:

> personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e

> ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 201).

As pessoas e/ou personagens podem ser encontradas no decorrer da vida, incorporadas por contato ou por proximidade, ou, que pertenceram a outras épocas.

E, enfim os lugares, que de acordo com Pollak:

> Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico [...] Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração (POLLAK, 1992, p. 201-202).

Os lugares são estabelecidos para que os fatos não sejam esquecidos. E é uma maneira de selecionar o que será lembrado o que será esquecido. Como exemplos de lugares podemos citar: bibliotecas, museus, monumentos aos mortos, datas comemorativas, entre outros.

Tendo em vista as memórias mais particulares, podemos encontrar como pontos de referência os sons, os cheiros, as cores, ou seja, são memórias sensoriais. A memória pode perdurar ao sumiço das referências físicas, mas nutre-se de referências culturais, literárias ou religiosas (POLLAK, 1989, p. 10).

É importante ressaltar que os acontecimentos, pessoas e/ou personagens e os lugares podem referir-se a acontecimentos reais e concretos, mas também pode ser projeção/transferência[3] de outros fatos. E existe a questão dos vestígios datados da memória que permanecem fixados como data exata de um fato (POLLAK, 1992, p. 202).

Podemos dizer, de acordo com Pollak (1992, p. 204), que a memória é:

> [...] *um elemento constituinte do sentimento de identidade,* tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

[3] Projeção ou transferências: A memória de um fato pode ser passada de uma pessoa para outra, por exemplo, de pais para filhos (POLLAK, 1992, p. 202).

Quando pensamos em memória e na constituição de uma identidade é comum refletirmos sobre a existência de conflitos e disputas para saber o que será guardado. Isso é visível em grupos como: família, político, religioso, entre outros.

Pollak (1989, p. 03-04), baseado nas ideias defendidas por Halbwachs, menciona que a memória é seletiva e é "[...] um processo de 'negociação' para conciliar memória coletiva e memórias individuais".

É impossível o ser humano lembrar-se de todos os acontecimentos e todos os fatos serem gravados ou registrados. E é necessário que a fala do outro seja compatível com a nossa memória e que tenha itens em comum, constituindo um sentimento de identidade.

Nas lembranças de algumas pessoas existem zonas de sombra, silêncios[4] e "não-ditos", isso acontece por diversas razões complexas e traumatizantes. Como por exemplo, com os deportados, os recrutados a força, entre outros exemplos (POLLAK, 1989, p. 08).

Outro ponto que podemos destacar é o enquadramento da memória. Segundo Pollak (1989, p. 09), "Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente". Esse trabalho deve ser realizado com cautela e seguir determinados critérios. Constitui uma forma de elucidar o passado devido os conflitos existentes entre presente e futuro.

O enquadramento da memória pode se dar por meio da formação da fala, apresentando como base os fatos e as personagens. E, por meio dos lugares, como, por exemplo: arquivos, centros de documentação, bibliotecas, museus, entre outros, constituindo uma forma de firmar a memória.

Além do trabalho de enquadramento há o trabalho da própria memória em si, isto é, "cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização" (POLLAK, 1992, p. 206). É importante a memória do grupo estar bem estruturada e definida, para ela poder trabalhar por si só, para contribuir com a sua identidade e com as futuras gerações.

[4] É importante ressaltar que silêncio é diferente de esquecimento.

Como já citamos anteriormente, a memória é formada por um sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, nesse sentido é comum nos recordar de sentimentos que nos identificamos.

Conforme Ribeiro (1998, p. 35) “O desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória.” Ou seja, constitui uma maneira de não sermos esquecidos pelos outros futuramente. O autor apresenta a ideia de guardar documentos de diversos tipos, como por exemplo: selos, cartões telefônicos, moedas, canetas, entre outros. A preservação dos documentos e instituições consiste em um complemento para a memória.

Podemos dizer que existe uma relação entre memória e as instituições que produzem e acumulam documentos, esse fato é visível pela necessidade do homem de exteriorizar e registrar de forma tangível suas ações. Segundo Lodolini (1989 apud BARROS; NEVES, 2009, p. 57):

> desde a mais alta Antiguidade o homem sentiu necessidade de conservar a sua própria “memória”, primeiro sob a forma oral, depois sob a forma de *graffiti* e de desenhos, e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana [...].

Dessa forma, as instituições apresentam a função de manter a memória “[...] viva, de forma a desacelerar o desaparecimento dos sinais do que se deseja manter, em face da necessidade do lembrar” (BARROS; NEVES, 2009, p. 57).

Com os avanços sociais, econômicos, políticos e culturais os arquivos passam a apresentar relevância, constituindo um local de construção do conhecimento, tornando-se necessária a disponibilização das informações de forma eficiente e eficaz. Essa relevância se dá devido às características históricas, administrativas e jurídicas atribuídas aos arquivos.

A memória apresenta a necessidade de ser estudada e entendida, para melhor lidar e compreender o passado e a sociedade em questão. O arquivo é considerado como: “[...] elo com um passado de continuidade e de descontinuidade, que leva a aclarar suas dimensões sociais e suas

contribuições diretas na organização da sociedade da informação" (BARROS; NEVES, 2009, p. 56).

Desse modo, podemos afirmar que a memória é um fenômeno construído, de forma consciente ou inconsciente. É de extrema importância a instituição preservar os documentos que são produzidos ao desempenhar suas atividades, pois a documentação é uma das maneiras de construir a memória.

Barros e Neves (2009, p. 58), considera a memória importante para a sociedade, pois: "[...] atua como representação de fragmentos que mantêm uma coletividade e que permitem a edificação e a legitimação de uma identidade social". Complementando, de acordo com Jardim (1995, p. 02), podemos entender a memória como: "[...] processo, projeto de futuro e leitura do passado no presente".

Ainda conforme Jardim (1995, p. 3), a guarda dos documentos em arquivos é justificada por dois aspectos: "De um lado, em função do uso desses documentos para a pesquisa científica e, de outro, como fator de testemunho das ações do Estado e garantia de direitos dos cidadãos." Almejando certificar a preservação e a democratização da memória.

Tendo em vista o contexto atual e as alterações, podemos dizer que a memória é, ao mesmo tempo, âncora e plataforma. Como âncora preserva as origens e as reavivam e como plataforma possibilita que nos projetemos para o futuro com os pés no passado criado e recriado como herança cultural (LOVISOLO, 1989).

As alterações, que aconteceram no decorrer do tempo, nas instituições e no modo de armazenar os documentos tiveram impacto nas atividades e atribuições do profissional que lida com a documentação, transformando-o em mediador da informação que determina os critérios e o que será preservado.

Os arquivistas apresentam um papel importante na construção da memória, para Cook (1998, p.139) "[...] se tornaram o principal agente de formação da memória", mas é importante lembrar-se das contribuições dos profissionais atuantes em outras áreas do saber.

Segundo Cook (1998, p. 144) "Recordar, para o indivíduo é, afinal, tanto pessoal quanto social, tanto interno quanto externo, tanto privado quanto público." As instituições são criadas com a finalidade de auxiliar a sociedade a

lembrar do seu passado, de sua história e de suas origens, mesclando o individual e o coletivo.

A memória busca “[...] salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471).

Arquivos, centros de documentação, museus, bibliotecas, casa de cultura, entre outros exemplos, são instituições que são consideradas lugares de apoio da memória. Tendo em vista esse contexto, destacamos os centros de documentação como objeto de estudo desse trabalho.

2.3 Ainda falando sobre a memória

A memória pode ser entendida como um fenômeno complexo, representado por meio de elementos materiais ou não, sendo compreendidos nos aspectos sociais da memória e estabelecendo uma relação entre a memória individual e coletiva. Isso pode ser visto nas lembranças que construímos no decorrer do tempo que apresentam significados, que podem ser ordenadas, podem causar influência e podem ser modificadas.

Em 1993 é publicada a obra “Entre memória e história: a problemática dos lugares” de Pierre Nora, que apresenta uma discussão inicial sobre os lugares de memória e que serviu/serve de suporte para o entendimento de algumas instituições como lugares. Vamos trabalhar o termo lugar de memória, pois vivemos em uma sociedade onde os fatos acontecem de maneira muito efêmera, o que hoje é considerado relevante amanhã já não é mais, para que esses acontecimentos não sejam esquecidos esses lugares são importantes. A partir disso surgiu a ideia de estudar o CDM e os documentos presentes.

O interesse pelos lugares de memória está relacionado ao contexto atual, momento onde se confunde a ruptura com o passado e a memória fragmentada, dessa forma, “O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 07).

Existe uma distância entre memória e história, é comum esses termos serem confundidos, mas vale lembrar que são dois conceitos distintos. De acordo com Nora, no que diz respeito à memória e à história:

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 09).

A memória pode ser caracterizada como individual ou coletiva, está relacionada às ações de lembrar e/ou esquecer. É um fenômeno atual, vivido e lembrado no presente e está sempre em transformação.

A história pode ser entendida como uma sequência cronológica de acontecimentos e datas, Halbwachs menciona que história é “tudo o que faz com que um período se distinga dos outros” (HALBWACHS, 2006, p. 79). A história é uma atividade intelectual, caracterizada como objetiva, os fatos possuem um distanciamento do presente e apresenta precisão temporal, o acontecimento marca a data.

Nora (1993, p. 12-13) aponta que os lugares de memória são restos:

> A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. [...] O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação.

A palavra resto pode ser compreendida como o que sobrou ou ficou de um fato e apresenta significado. Como exemplos, podemos citar: museus, arquivos, centros de documentação, cemitérios, datas comemorativas, monumentos, entre outros, constituindo vestígios de outras épocas, para que os acontecimentos não sejam esquecidos.

Para Nora (1993, p. 14), o interesse pelas instituições que produzem e/ou acumulam documentos vem do fato de que “[...] a memória é vivida do

interior, mas ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.” A princípio o homem preservava e transmitia as ações realizadas por meio da oralidade, depois através de desenhos e hoje por meio da escrita. Nesse contexto, destacamos as instituições e os documentos que servem de apoio para a memória para quando for necessário lembrar algum fato. E ainda para a preservação do presente e do passado.

Os lugares de memória são considerados como tal nos três significados da palavra: material, simbólico e funcional, ao mesmo tempo, mas em níveis distintos. De acordo com Nora:

> Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança (NORA, 1993, p. 21-22).

A razão fundamental de ser de um lugar de memória é: “[...] parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais” (NORA, 1993, p. 22). Os lugares de memória vivem devido a sua capacidade para as transformações e mudanças de significados.

Segundo Nora, é importante destacar uma característica dos lugares de memória, eles não têm referentes na realidade:

> eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história, ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história (NORA, 1993, p. 27).

Antigamente, havia uma forma de olhar para traz, por exemplo, no período da oralidade existiam os responsáveis pela permanência e transmissão

da memória, os conhecidos homens-memória. O termo lugar de memória é recente.

Recorremos aos lugares de memória, pois eles contribuem para reconstruir e intensificar os acontecimentos que foram esquecidos por conta do passar do tempo, mas essas lembranças adequam-se as nossas concepções de presente. Nossas recordações podem basear-se nas nossas próprias lembranças e nas lembranças dos outros. Quando nos baseamos nas recordações dos outros para complementar a nossa, a precisão de um determinado fato será maior (HALBWACHS, 2006).

A memória pode ser trabalhada de forma individual e/ou coletiva, mas é importante destacar que é sempre lembrada no presente. E um lugar só é considerado lugar de memória se for acionada como tal.

Os lugares de memória são fragmentos coletivos, estão sujeito a mudanças no decorrer do tempo e institui sentimento de pertencimento. Dessa maneira, “[...] a relação entre os acontecimentos vividos e a sua transmissão produz memória” (BARROS; NEVES, 2009, p. 58). Sendo assim, os lugares de memória é uma referencia ao acontecimento, fazendo com que ele seja lembrado.

É de extrema importância pensar e discutir os lugares de memória, no caso desse trabalho, destaca-se as instituições e os documentos, pois de acordo com Ribeiro (2010, p. 42), “Mais do que preservar alguns vestígios do passado e da cultura escrita, oral, virtual e imagética, o que esses lugares trazem e fazem é uma tentativa de recuperação e adequação de uma resistência dos estoques informacionais do presente.”

Os documentos existem para atender a necessidade que a sociedade possui de ter suas ações registradas e as instituições para poder guardar, conservar e disponibilizar esses documentos.

3 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O homem ao desempenhar suas atividades produz e acumula documentos, que são informações registradas em determinado suporte, que comprovam as ações realizadas e possibilitam o seu conhecimento.

A princípio, a documentação buscava concretizar a ideia de “reunir tudo”, podemos afirmar que é uma tarefa impossível, levando em conta o grande volume de informações existentes sobre os diversos assuntos, então se pensou uma maneira que fosse possível recuperar as informações quando necessário (SMIT, 1987).

Smit menciona que o grande desafio da documentação é: “selecionar, entre a avalanche de publicações disponíveis, as que respondem às necessidades, tendo em vista os recursos disponíveis” (SMIT, 1987, p. 14). Dessa maneira, a documentação passa a selecionar e organizar as informações, destacando as principais, sobre os variados temas.

O debate sobre o que é documento e o que é informação data do século XIX, de forma simplificada, o documento pode ser considerado algo material, enquanto a informação pode ser entendida como algo não material.

A oposição entre “documento” e “informação” mostra-se “[...] como uma diferença de características, onde o documento seria um suporte que conteria informações atuais ou potenciais” (SILVA; FERNANDES, 2012, p. 151).

Documento é um termo abrangente, é qualquer elemento pelo qual o homem se expressa. De modo geral, Bellotto (2004, p. 35), cita que documento pode ser entendido como:

> o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana.

O documento arquivo apresenta como função provar ou servir a pesquisa. No caso do documento presente no centro de documentação sua função é “informar”, com intuito cultural, científico, funcional ou jurídico, de

acordo com a natureza temática do material sobre a sua custódia (BELLOTTO, 2004, p. 36).

Durante muito tempo, os documentos de arquivo, biblioteca ou museu, independentes de suas características, eram organizados e armazenados em um mesmo lugar. Segundo Camargo, “tantos os documentos bibliográficos quanto os arquivísticos e os museológicos costumavam ser reunidos num mesmo local, em palácios, igrejas e bibliotecas” (CAMARGO, 1999b, p. 52).

Esse fato permaneceu inalterado até a Idade Moderna quando “a produção dos livros tipográficos, entre outros motivos, levou a que as bibliotecas passassem a existir separadamente e a adquirir maior relevância enquanto elemento social” (ORTEGA, 2004, p. 02). Com o passar do tempo, a imprensa, a tecnologia, entre outros fatores, promoveram mudanças nas atividades realizadas por essas instituições.

Bellotto (2004, p. 35), aponta que apesar de arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus possuírem suas especificidades, também existe um objetivo comum entre eles: “a corresponsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico”.

Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus são instituições que guardam documentos; elas buscam preservar, organizar e possibilitar o acesso de acordo com suas características, cada uma apresenta princípios e técnicas específicos. O que determina se um documento pertence a uma ou outra instituição é “a sua origem e função” (TESSITORE, 2003, p. 12).

Neste capítulo vamos discutir o conceito de centro de documentação, que é o objeto de estudo deste trabalho. Apresentaremos um breve contexto histórico destacando alguns períodos importantes para melhor entender como eles surgiram e definiremos o que é centro de documentação. São instituições que guardam documentos sobre uma temática para atender a necessidade de informação especializada e a preservação da memória.

O Renascimento e o Iluminismo foram dois importantes movimentos que aconteceram na Europa, mas suas características espalharam-se pelo mundo, marcaram períodos de transição e ruptura, trouxeram importantes contribuições

para a história e tiveram influência na cultura, na política, na economia e na sociedade. Nesse contexto, a ideia de patrimônio ganha espaço e surgem os arquivos, as bibliotecas e os museus.

O Renascimento faz referência aos séculos XIV-XVIII, teve origem na Itália e espelhou-se pela Europa, marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna, ou seja, do Feudalismo para o Capitalismo. Foi um movimento intelectual, artístico e da burguesia que ocasionou várias mudanças.

É caracterizado pelo resgate da cultura clássica (greco-romana); pela concepção antropocêntrica (o homem no centro da cultura e não mais Deus, essa concepção difere da perspectiva teocêntrica); pela valorização do ser humano; pelo aprimoramento da ciência e pelo hedonismo (prazer como bem supremo da vida humana).

Nesse cenário, mais precisamente no início do século XVI, é importante destacar a invenção da impressa por Gutemberg[5], que ocasionou mudanças sociais, políticas e culturais, permitindo o progresso da sociedade e o acesso à informação. E, a Reforma Protestante, ocasionada por Martinho Lutero. Esses dois fatos, pouco a pouco, mudaram e facilitaram a relação do homem com o conhecimento.

A partir do Renascimento, o patrimônio passa a ser entendido como herança de todos e a cultura material passa a ser valorizada. Com isso, o conceito de patrimônio ampliou-se e atualmente, “[...] abarca um amplo universo de bens por meio dos quais a sociedade materializa o passado” (RODRIGUES, 2000, p. 6).

No decorrer do século XVIII, outro acontecimento histórico marcou o período, o Iluminismo. Teve origem na Inglaterra, mas destacou-se na França. Marca a transição das características da Idade Moderna para a Idade Contemporânea.

Os burgueses, intelectuais e artistas questionavam as características da Europa do século XVIII e trouxeram algumas propostas, como: na política a democracia; na economia o liberalismo, a lei da oferta e da procura sem

[5] Gutenberg (1398-1468) foi um importante inventor alemão, a sua principal invenção foi a prensa móvel. A invenção da imprensa facilitou e agilizou a divulgação de ideias e informações.

intervenção do Estado; e o racionalismo, a ciência passa a ser vista como aquilo que explica o mundo. Tudo isso contribuiu de forma a fazer a Europa prosperar.

O Iluminismo foi um movimento intelectual que defendia o domínio da razão, exerceu grande influência política, social e cultural, marcando a ruptura com a ordem social, definindo "[...] uma nova relação entre os homens e o tempo; a vitória da razão intermediou a apropriação da memória" (RODRIGUES, 1994, p. 11). Nessa nova relação a memória era entendida como uma forma de aproximar o homem e o passado vivido.

As ideias iluministas ocasionaram algumas revoluções e guerras, entre elas destacamos a Revolução Francesa, com data de 1789-1799. Liderada pela burguesia com um discurso iluminista "Liberté, Egalité, Fraternité[6]", que conseguiu cativar a população, os cidadãos comuns e os camponeses. Foi uma revolução motivada por crises política, econômica e social. A França fez acordos desvantajosos ao longo do século, as manufaturas ruíram, a balança comercial estava deficitária, período de guerras[7], alto luxo da corte e crise agrícola.

Durante a Revolução Francesa, o Estado altera a forma de lidar com os bens culturais, "caberia ao Estado identificar, reconhecer e proteger os objetos que comporiam o universo do patrimônio". Os arquivos, as bibliotecas, os centros de documentação, os museus e outras instituições eram considerados representativos do passado de todos e serviam de referência para a memória (RODRIGUES, 2000, p. 06).

O Estado defendia a ideia de cultura: "Instituir os documentos do passado era recriar o passado determinando quem o havia construído; era criar, em torno de monumentos históricos, a identidade nacional como espelho da identidade da classe dominante" (RODRIGUES, 1994, p. 12). Os documentos dão existência ao passado, quando usados e lembrados no presente.

---

[6] "Liberdade, Igualdade, Fraternidade".

[7] A França se envolve em pelo menos três grandes guerras: A Guerra de Sucessão Espanhola (1700-1714), A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783), mas nenhuma delas trouxe retorno financeiro.

Desse modo, formou-se a ideia de patrimônio e no decorrer do século XIX sua relevância aumentou, pois “a ideia de patrimônio está relacionada à perpetuidade”, eram entendidos como forma de representar aquilo que é importante para a sociedade (CHASTEL, 1986, p. 406 apud RODRIGUES, 1994, p. 13).

Nesse contexto, na Europa começou a surgir instituições voltadas à pesquisa, era uma maneira de possibilitar o conhecimento das histórias nacionais. Sendo assim, “[...] os franceses criaram sua École des Chartes em 1821, os ingleses, o Departamento de Registros Públicos em 1838, e os alemães começaram a publicar a Monumental História Alemã, em 1826” (HOBSBAWN, 1989, p. 309 apud CAMARGO, 1999a, p. 79).

Dessa forma, surgiram, na Europa, as instituições com a responsabilidade de “proteger, guardar e manejar o patrimônio documental” (CAMARGO, 1999a, p. 80). O desenvolvimento dessas instituições foi um progresso, pois, com isso, surgiram os arquivos, as bibliotecas e os museus. No Brasil, podemos dizer que as coisas aconteceram de maneira semelhante, mas com um pouco de atraso em relação a alguns países.

Em relação ao Brasil, Camargo destaca quatro importantes períodos, que se referem às ações governamentais que buscavam preservar o patrimônio e a história. Os períodos são distintos uns dos outros, cada um indica “[...] momentos específicos de *boom* institucional, que correspondiam às mudanças político-institucionais muito claras e precisas” (CAMARGO, 1999a, p. 63).

Os períodos elencados por Camargo datam de 1808, vinda de D. João VI ao Brasil, até 1988, publicação da constituição atual:

> O primeiro período, de 1808 a 1889, foi o que reconhecemos como o de *construção da nação* [...] O segundo período, que consideramos como o de *construção da federação*, estende-se de 1890 a 1937 [...] O terceiro período, entre 1937 a 1975, registra a configuração do modelo político de proteção, instituindo o patrimônio e a história como questão de Estado [...] Finalmente o quarto período, o da *construção da memória*, iniciado em 1975 (CAMARGO, 1999a, p. 65-74).

É no decorrer desses períodos que acontece a institucionalização de arquivos, bibliotecas e museus, com o intuito de reunir, organizar e disponibilizar documentos referentes à história do Brasil. Com o passar do tempo, mais especificamente no final da década de 1970 e anos de 1980, ganharam espaço o Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, entre outras instituições. E, também, ganharam espaço os Centros de Documentação, a princípio nas universidades e depois ocuparam outros cenários.

De acordo com Camargo (1999a, p. 75), no que diz respeito ao último período, se nota um "novo *boom* institucional, que coincidiu com alterações profundas no regime político. São esses surtos de ampliações institucionais que marcam cada um dos períodos identificados".

Os quatro períodos dizem respeito a diferentes momentos da história do Brasil: a Independência, a República, o Estado Novo e o regime militar. O estudo de cada período conta com informações que são capazes de esclarecer a continuidade ou o rompimento, conceitual ou organizacional, que, às vezes, na época não faziam sentido com o contexto político.

No Brasil, a área da documentação precisava de um trabalho inovador, que fosse capaz de aperfeiçoar o desenvolvimento da pesquisa. Na década de 1970, é possível perceber mudanças nesse aspecto e atitudes do governo federal: "Tanto na esfera privada quanto na pública, conjuntos de ações específicas de proteção e organização do patrimônio documental revelavam um intenso movimento em torno da questão cultural e da memória nacional" (CAMARGO, 2003, p. 24).

A partir de 1975, nota-se um movimento direcionado para "[...] a criação de centros de documentação e pesquisa, memória e referência" (CAMARGO, 2003, p. 25). Esse fato é visível principalmente no cenário das universidades brasileiras, que começaram a buscar meios para tornar as fontes de pesquisa acessíveis. A saída encontrada para resolver esse problema foi:

> [...] criar centros especializados na preservação e organização dessas fontes, trazendo para perto do pesquisador [...] o material necessário ao desenvolvimento de suas pesquisas e, de outro lado, abrindo à sociedade as possibilidades de sua utilização e conhecimento (CAMARGO, 2003, p. 27).

O movimento para a criação de Centros de Documentação teve início no Brasil, aproximadamente, na metade do século XX, para atender a necessidade de informações especializadas e de preservação da memória, principalmente nas áreas de ciência e tecnologia, e aos poucos, alcançou outras áreas, como a ciências humanas. Dessa maneira os Centros de Documentação se institucionalizaram.

Os movimentos iniciados a partir de 1970 começaram a dar resultados em 1980, quando o Arquivo Nacional[8], a Biblioteca Nacional[9] e o Museu Nacional[10] ganharam espaço novamente.

Essas três instituições são "[...] eixos de sustentação institucional da guarda de documentos e informações sobre o país, foi [...] o resultado mais importante da movimentação anterior conduzida dentro do aparelho de Estado brasileiro" (CAMARGO, 2003, p. 32-33).

Cada uma das instituições citadas, tendo em vista as atividades a serem realizadas e as especificidades de cada área de atuação, traçaram políticas e diretrizes para realizarem suas tarefas.

Os centros de documentação juntaram-se às entidades acima mencionadas, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e Museu Nacional. Os Centros de Documentação "[...] já afirmados como uma quarta modalidade

---

[8] O Arquivo Nacional localiza-se no Rio de Janeiro, trata-se de "um órgão subordinado ao Ministério da Justiça que guarda, preserva, dá acesso e divulga documentos públicos, em sua maior parte, produzidos pelo Poder Executivo Federal, bem como pelos Poderes Legislativo e Judiciário, e documentos privados, de pessoas físicas e jurídicas. Esses documentos estão abertos a todos os cidadãos que necessitam comprovar seus direitos e aos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que encontram na Instituição fontes para a produção de trabalhos monográficos, dissertações, teses, filmes, livros, campanhas publicitárias, séries televisivas, entre outros" (Informações disponíveis no site: < http://www.arquivonacional.gov.br>).

[9] Localizada na cidade do Rio de Janeiro a Biblioteca Nacional, cujo nome oficial institucional é Fundação Biblioteca Nacional, é a depositária do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil. Apresenta como responsabilidade preservar, atualizar e divulgar uma coleção com mais de oito milhões de peças, que iniciou com a chegada a Real Biblioteca de Portugal ao Brasil e aumenta dia a dia, por meio de doações, aquisições e com o depósito legal. (Informações disponíveis no site: < http://www.bn.br/>).

[10] O Museu Nacional localiza-se no centro histórico do Rio de Janeiro, foi projetado em 1908 e criado oficialmente em 1937, por meio do decreto do presidente Getúlio Vargas. É o museu mais importante museu de arte do Brasil. O acervo conta com setenta mil itens entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, objetos, documentos e livros, ou seja, trata-se de um centro difusor de conhecimento e da arte brasileira. (Informações disponíveis no site: < http://mnba.gov.br/>).

institucional de preservação do patrimônio documental dedicada essencialmente ao patrimônio bibliográfico e arquivístico, além de coleções[11] de diversos tipos de documentos" (CAMARGO, 2003, p. 33).

De maneira geral, os centros de documentação são instituições "voltada para a geração de informações e para a organização de fontes para a pesquisa" (CAMARGO, 1999b, p. 49). Aos poucos essas instituições conquistaram vários espaços e áreas do conhecimento e foram se desenvolvendo e se expandindo.

Os centros de documentação apresentam como característica "[...] a proposta de trabalho que envolve a reunião, a preservação e a organização de arquivos e coleções [...] e de conjuntos documentais diversos [...] reunidos sob o critério do valor histórico e informativo, em torno de temas ou de períodos da história" (CAMARGO, 1999b, p. 50). Dessa forma, lida-se com informação especializada, quando estas estão organizadas e disponíveis são fontes de informação e servem de apoio à pesquisa.

Apresentam como missão "[...] reunir, organizar e dar acesso a informações especializadas" (CAMARGO, 2003, p. 29). Além dessas atividades realizadas, os centros de documentação deram atenção também à preservação do patrimônio documental, reunindo documentos históricos, geralmente produzidos por instituições privadas e pessoas físicas.

As funções do centro de documentação são "preservação documental e apoio à pesquisa". A pesquisa pode ser institucional, acadêmica ou individual. É importante destacar que alguns Centros de Documentação estão ligados "[...] à pesquisa em outras áreas ou à produção e prestação de serviços" (TESSITORE, 2003, p. 15-18).

Segundo Tessitore, o centro de documentação adquire os documentos por meio de "[...] compra, doação ou permuta, documentos únicos ou múltiplos de origens diversas (sob a forma de originais ou cópias) e/ou referências sobre uma área específica da atividade humana" (TESSITORE, 2003, p. 14). Nesse

[11] Camargo e Bellotto (1996, p. 40), define coleção como a "Reunião artificial de documentos que, não mantendo relação orgânica entre si, apresentam alguma característica comum".

sentido, os centros de documentação trata-se de um órgão colecionador e/ou referenciador.

Esses documentos podem ser caracterizados como de arquivo, biblioteca e /ou museu. O centro de documentação poderá contar com: “fundos de arquivo [...] coleções [...] material hemerográfico [...] material bibliográfico [...] objetos tridimensionais [...] bancos de dados” (TESSITORE, 2003, p. 18).

Os fundos de arquivo são documentos produzidos e reunidos por uma pessoa ou instituição na realização das suas atividades. As coleções são documentos com características semelhantes reunidos de modo intencional. Os materiais hemerográficos são documentos publicados com frequência, como: jornais, revistas e outros. Os materiais bibliográficos são documentos impressos, como: livros, teses e outros. Os objetos tridimensionais apresentam significado dentro de um contexto. Os bancos de dados são informações gerenciadas e estruturadas sobre determinado tema (TESSITORE, 2003, p. 18).

O diferencial de um centro de documentação é a “diversidade [...] e a especialização temática” devido à variedade de material reunido (TESSITORE, 2003, p. 15).

Um Centro de Documentação pode estar relacionado a várias áreas do conhecimento, como: “[...] das ciências humanas, das letras e das artes [...] saúde pública, astronomia, medicina, agronomia, energia, setores tecnológicos e tantos outros” (CAMARGO, 2003, p. 22).

Os profissionais que atuam em centros de documentação de diferentes campos do saber foram capazes de fazer um excelente trabalho no momento da reunião e organização dos documentos e informações existentes em seus acervos, formando a memória e servindo de fonte de informação referente à sua área do conhecimento.

Os Centros de Documentação estão presentes em diversos cenários, como: universidades, museus, bibliotecas, empresas, organizações culturais, entre outros espaços. Nessas instituições é comum a presença de profissionais arquivistas, documentalistas, bibliotecários, museólogos, historiadores. No entanto, nada impede que outros profissionais atuem nesses espaços. Por exemplo, em um centro de documentação da área da saúde, que conta com

um profissional da área, como um enfermeiro ou um médico, a parceria desses profissionais pode desempenhar um excelente trabalho interdisciplinar.

Para implementar um centro de documentação é importante ter claro a definição: “[...] de seu universo, de seu recorte temático, de sua área de especialização” (TESSITORE, 2002, p. 11). E, ainda, pensando na implementação, é importante estabelecer que outras atividades serão desenvolvidas, como: “[...] programa de documentação oral, projetos de pesquisa, promoção de cursos, seminários, conferências e exposições, serviços de reprodução de documentos, consultoria técnica a outras entidades etc”, entre outras atividades (TESSITORE, 2003, p. 18).

Os centros de documentação apresentam expectativas otimistas, eles aumentam a cada dia, auxiliam na geração de conhecimento e disponibilização de informação. Entretanto existem algumas dificuldades que os afetam, como as “[...] alterações verificadas no mundo contemporâneo [...] são fonte primordial de interferência nos rumos que esse trabalho pode tomar” (CAMARGO, 1999b, p. 51).

Entre os obstáculos enfrentados podemos mencionar o rápido aumento dos documentos e é importante os Centros de Documentação estarem atentos às mudanças diárias, para saber como o conhecimento está sendo estruturado atualmente.

Partindo da ideia de que os centros de documentação são os lugares que devem reunir os documentos e informações sobre um determinado tema, Cortez menciona que eles apresentam: “a finalidade primordial de reunir, analisar, acumular, recuperar e divulgar uma bagagem de conhecimento e experiências que se constitua em um patrimônio importante dentro de determinado campo e de interesse para o grupo a que serve” e ainda que o acervo e a bagagem de conhecimento devem ser avaliados e preservados (CORTEZ, 1987, p. 50).

Sendo assim, os centros de documentação podem ser considerados lugares de memória, pois contam com informações e documentos importantes e significativos sobre a temática abordada. No caso do CDM é possível encontrar informações sobre o Santuário, a cidade, os missionários redentoristas, entre outras.

4 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA “PE. ANTÃO JORGE” DO SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA

A cidade de Aparecida e o Santuário Nacional surgiram em razão do encontro da estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em 1717. Depois disso, as pessoas começaram a atribuir milagres e graças à imagem. Construíram um templo, a atual Basílica Velha, inaugurada em 26 de julho de 1745, mas tornou-se pequena para abrigar os devotos em número cada vez maior. Então construíram a Basílica Nova, hoje Santuário Nacional, as obras foram iniciadas em 11 de Novembro de 1955, trata-se do maior Santuário Mariano do mundo em área. É composto por vários espaços, entre eles destacamos o CDM, localizado na Torre Brasília, que constitui nosso universo de pesquisa.

Como mencionamos anteriormente, Nora (1993, p. 21-22) aponta que os lugares de memória são considerados como tal nos três significados da palavra: material, simbólico e funcional. O CDM pode ser considerado lugar de memória nos três sentidos da palavra. É material, pois trata-se de um lugar físico, consiste em uma instituição composta por documentos. É funcional, pois organiza e disponibiliza documentos, que servem para fins de pesquisa e conhecimento. E é revestido de um simbolismo, visto que a organização busca preservar a memória do Santuário e a propagação da devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Este capítulo tem o intuito de apresentar o CDM e os dados coletados, foi elaborado com base no questionário (Apêndice A), na visita, na entrevista (Apêndice B), no Diretório do CDM e nas informações disponíveis no portal *a12.com*.

Tendo em vista o objetivo desse trabalho, entender como o CDM e os documentos ali presentes contribuem para a formação da memória, considerou-se relevante saber o que é memória para Dom Darci, um dos idealizadores do CDM. Dom Darci define memória como:

> tudo aquilo que diz respeito à história administrativa, religiosa, tanto da cidade de Aparecida como do Santuário Nacional, ao que é interesse dos munícipes, a tudo aquilo que é cultura que

> foi sendo construída ao longo da história neste pedacinho de chão. É memória tudo aquilo que é acontecimento, tudo aquilo que é evento, em toda essa história de 300 anos da devoção à Nossa Senhora Aparecida. É memória tudo aquilo que foi celebrado pela cidade e pelo povo, tudo isso é memória. É um arcabouço de acontecimentos, sentimentos, produção cultural, folclore, vida... tudo aquilo que é vida é memória[12].

O CDM foi um projeto idealizado por Dom Darci José Nicioli[13], na época padre, Padre Ronoaldo Pelaquin e Professor Manoel Inácio de Moraes, devido à procura de informações e documentos sobre o Santuário Nacional e a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

O Santuário Nacional possuía muitos documentos dispersos[14] e uma sala com relíquias, ex-votos, imagens, utensílios domésticos, entre outras coisas. Com isso, surgiu a necessidade de criar um espaço onde fosse possível armazenar, organizar e disponibilizar essas informações e documentos, para atender a necessidade de estudantes, pesquisadores, religiosos, entre outros.

Após a identificação, separaram os objetos de museu dos documentos, encontraram profissionais da área de arquivologia e buscaram resolver as questões técnicas, como: espaço, móveis e materiais necessários, qual seria o melhor sistema, entre outras.

Na época, a equipe de Energia e Saneamento do estado de São Paulo prestou consultoria para separar, higienizar, catalogar e armazenar os documentos. Ficamos curiosos para saber mais informações sobre esse projeto, como foi apenas consultoria o CDM não possui nenhum registro sobre esse fato. Entramos em contato com a Fundação de Energia e Saneamento, os funcionários que trabalharam no projeto não trabalham mais na Fundação. A

[12] Trecho da entrevista realizada com Dom Darci José Nicioli.
[13] Dom Darci, menciona na entrevista realizada que o CDM é muito importante “no sentido de que nós temos o passado à mão e a certeza de que o presente também está sendo registrado, de forma que estamos mais seguros para encontrar caminhos em vista de um futuro”.
[14] Em princípio os documentos ficavam no escritório da Reitoria e na Secretaria de Pastoral e não eram disponibilizados para consulta externa.

Fundação disponibilizou uma tabela (Anexo A) com a relação dos documentos possíveis de serem consultados sobre o assunto[15].

O CDM foi criado no final da década de 1990 e inaugurado no dia 08 de outubro de 2001. Com a criação do CDM, a instituição passou a receber material de outros arquivos, como o da Cúria Metropolitana, dos Missionários Redentoristas, da Prefeitura, entre outros arquivos. A atividade de transferência de documentos para o CDM é documentada por meio de um termo (Anexo B), elaborado pelo CDM.

A estrutura física do CDM configura-se da seguinte maneira: ambiente de pesquisa, ambiente de recebimento de material (triagem), ambiente de tratamento do acervo e reserva técnica:

> - Ambiente de Pesquisa: sala para atendimento ao pesquisador e visitantes, com mobiliário (mesas, cadeiras, armário para guarda de pertences do pesquisador) e equipamentos necessários para consulta de documentos (computador, mesa de luz, aparelho de DVD e vídeo e televisão);
> - Ambiente de recebimento de material (triagem): destinado para o material não processado, para evitar possíveis contaminações no acervo;
> - Ambiente de Tratamento do Acervo: equipado com mobiliário adequado para organização, higienização e acondicionamento dos documentos;
> - Reserva Técnica: área com mobiliário para armazenamento dos documentos e equipamentos de controle ambiental;
> - Ambiente Administrativo: destinado ao responsável pela coordenação do CDM e equipe de trabalho (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 19).

O organograma é uma representação gráfica para definir os níveis hierárquicos de uma organização. Para melhor entendimento do nosso universo de pesquisa, o CDM, segue o organograma geral para compreendermos onde ele localiza-se em relação ao Santuário Nacional:

[15] A consulta aos documentos apresentados na tabela acontece apenas presencialmente mediante agendamento.

Figura 1: Organograma Geral.
Fonte: Organograma disponibilizado pelo Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge".

Por meio do organograma geral podemos entender que o CDM é subordinado ao Ecônomo, o Ecônomo é subordinado à Reitoria e a Reitoria é subordinada ao Arcebispo[16]. Com isso, percebemos que o CDM está hierarquicamente bem localizado em relação à organização do Santuário Nacional. E, para complementar, segue o organograma do CDM:

[16] De maneira simplificada, o Ecônomo cuida da parte administrativa do Santuário Nacional, ou seja, é quem administra, cuida das finanças, das obras, entre outras atribuições. E o reitor cuida da parte pastoral do Santuário Nacional.

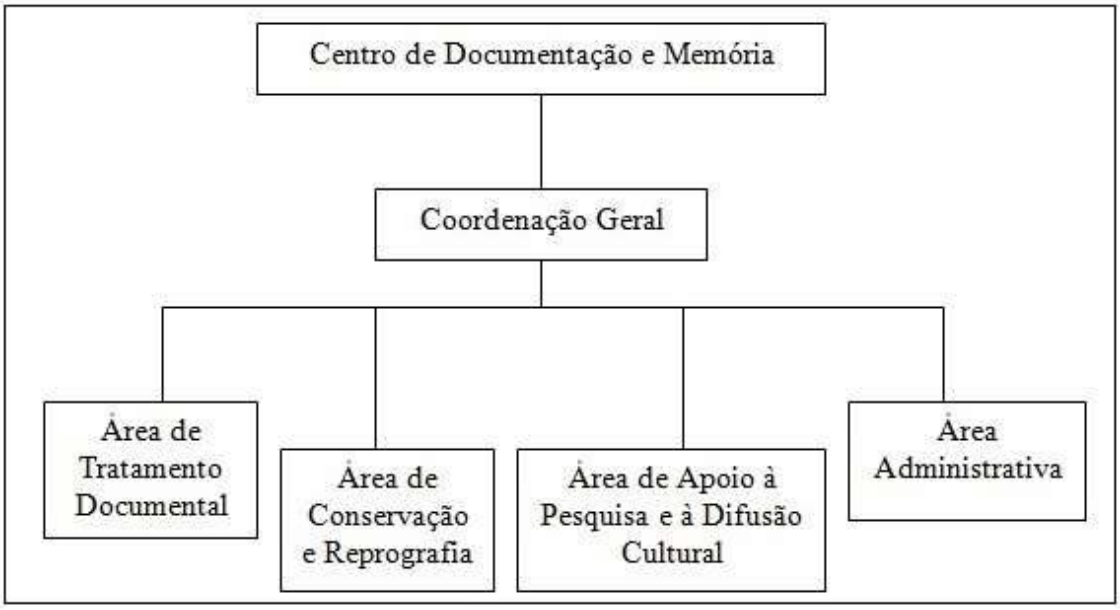


Figura 2: Organograma Centro de Documentação e Memória “Pe. Antão Jorge” do Santuário Nacional de Aparecida.
Fonte: Diretório do Centro de Documentação e Memória (s.d., p. 2).

Com base no organograma e no diretório, a Coordenação Geral: responde pelas atividades técnico-científica e administrativa; a Área de Tratamento Documental: cuida do processamento técnico do acervo arquivístico, bibliográfico e hemerográfico; a Área de Conservação e Reprografia: é responsável pela conservação física do acervo e reprodução de documentos; a Área de Apoio à Pesquisa e Difusão Cultural: cuida das pesquisas instrumentais, elaboração de referências, atendimento ao público, divulgação do CDM e troca com instituições de temática parecida; a Área Administrativa: é responsável pelo auxílio administrativo ao CDM, no desempenho de suas competências, com autonomia jurídico-administrativa da instituição.

O CDM tem como finalidade preservar a memória do Santuário Nacional de Aparecida e a história da devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Dessa forma, apresenta como objetivos gerais:

> - Preservar a memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida;
> - Gerenciar o sistema de arquivo do Santuário;
> - Criar um centro de referência sobre a história da devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida;

> - Disponibilizar o acervo e as referências coletadas aos usuários definidos como seu público (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 01).

Para atingir os objetivos gerais, apresenta como objetivos específicos:

> - Levantamento da história dos temas relacionados ao surgimento e institucionalização da devoção a Nossa senhora da Conceição Aparecida;
> - Referenciar acervos relacionados às linhas de pesquisa do Centro de Documentação e Memória (CDM);
> - Organizar e acondicionar os documentos, de acordo com as normas de procedimentos;
> - Divulgação do acervo através de exposições, artigos, eventos e outros;
> - Tornar acessível a memória cultural devocional do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 01).

No que diz respeito ao acervo, ele é organizado e dividido em fundos, grupos, subgrupos e série. De acordo com Camargo e Bellotto (1996, p. 40), fundo é a: “Unidade constituída pelo conjunto de documentos acumulados por uma entidade que, no arquivo permanente, passa a conviver com arquivos de outras”. São documentos de uma mesma proveniência produzidos por uma instituição administrativa ou por uma pessoa física ou jurídica, no exercício de suas atividades ou funções, apresenta valor informativo ou de prova.

O fundo pode ser dividido em grupo, “de acordo com o método estrutural ou funcional”. E o grupo pode ser dividido em subgrupo, devido à “complexidade estrutural e/ou funcional da entidade produtora de documentos” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p. 40 – p. 71).

E o grupo ou subgrupo pode ser dividido em série, que é a “Sequência de unidades de um mesmo tipo documental” (CAMARGO; BELLOTTO, 1996, p. 69). São documentos que apresentam a mesma procedência e função.

O acervo conta, aproximadamente, com 20 mil imagens, entre slides, filmes e negativos (vidro e acetato). E, inúmeros documentos textuais, desde a vinda dos primeiros missionários redentoristas ao Brasil, a construção do Santuário Nacional, acontecimentos históricos, entre outros.

Antes de adquirir os documentos, o CDM realiza “uma avaliação de sua compatibilidade com o perfil do acervo e de seu significado como fonte para os

estudos desenvolvidos em sua área" (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 07). Faz-se necessário realizar a avaliação antes de adquirir os documentos ou não, pois se isso não acontecer, corre o risco do CDM transformar-se em um depósito de documentos que não apresentará sentido.

O CDM conta com documentos produzidos, doados e comprados. Dom Darci, cita um exemplo de documentos comprados:

> nós compramos alguns documentos dos descendentes do Benedito Calixto de Jesus Neto, que foi o arquiteto do Santuário Nacional, ele faleceu e muita coisa deve ter ficado na família. Depois um sobrinho disponibilizou esses documentos, mas quis um valor, achamos interessante para o Santuário e compramos[17].

Em relação aos documentos produzidos, são produzidos pelo Santuário na realização de suas atividades administrativas, religiosas, assistenciais, entre outras. E o CDM conta com documentos doados por outras instituições, como, por exemplo, pela prefeitura, para poderem ser disponibilizados em uma situação futura caso necessário, a doação acontece devido à falta de espaço e preocupação com a documentação. A organicidade dos documentos comprados ou doados será preservada e entrará no CDM como "coleção".

Os documentos ao serem recebidos são imediatamente registrados para melhor controle até o seu processamento. Existem dois tipos de registro: registro de entrada de fundos e coleções e registro de entrada de publicações. O registro de entrada de fundos e coleções será aplicado a fundo, coleção ou parte deles. Nesse caso, serão registrados conjuntos de documentos; exceto quando adquirir documentos avulsos, após o registro desses documentos poderão ser integrados à coleção/fundo já existente ou iniciar um (a) novo (a), ou permanecer isolados, à espera de outros documentos relacionados. Registro de entrada de publicações será aplicado a livro, tese, dissertação, exemplar de periódico. Nesse caso, será registrado documento por documento, refere-se a documentos de biblioteca e apresenta sentido como peça isolada. Nos dois tipos de registro é necessário preencher um formulário

[17] Trecho da entrevista realizada com Dom Darci José Nicioli.

(DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 07-08).

Depois do recebimento e registro, os documentos são classificados e descritos[18], durante esse processo são elaborados instrumentos para possibilitar ao pesquisador o conhecimento e o acesso aos documentos (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 09).

Os documentos são higienizados, respeitando suas características físicas: textual, fotográfico, audiovisual; são feitas fichas para cada documento e inserido em um banco de dados, o Docman; posteriormente são acondicionados com material apropriado e armazenados em uma sala com controle de temperatura e umidade.

O CDM recebe diversos pesquisadores do Brasil e do mundo, a maior parte das pesquisas são realizadas através de e-mail e telefone. Presencialmente o CDM recebe, aproximadamente, 220 pessoas ao ano (público externo ao Santuário). A maior parte das consultas é realizada pelo público interno, pelos departamentos do Santuário Nacional, TV e Rádio Aparecida, Portal a12, entre outros.

O acervo do CDM apresenta data limite aproximadamente de 1890 até os dias atuais. Os documentos são divididos em acervo fotográfico e audiovisual e acervo textual. Com base no Diretório elaboramos tabelas referentes aos fundos, grupos, subgrupos e séries referentes a cada acervo. Os dois acervos são divididos em seis fundos: Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Matriz Paróquia, Município de Aparecida, Redentorista, Rádio e TV Aparecida e Editora Santuário.

4.1 Fundo: Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Em setembro de 1717, Dom Pedro de Almeida Portugal, o novo governador da Capitania de São Paulo e Minas Gerais, visitou o Brasil. Dom Pedro foi muito bem recepcionado pelas autoridades da cidade, “Para homenageá-lo, a Câmara Municipal lhe ofereceu um banquete, ‘devendo ser

[18] A descrição dos documentos presentes no CDM é realizada com base na Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística – ISAD(G).

rico em frutas, caças e peixes'" (BASSETTI, 2004, p. 11). Para essa tarefa foram chamados três pescadores: João Alves, Domingos Martins Garcia e Felipe Pedroso.

A época não era favorável à pesca. Depois de muito tentar e sem obter êxito, os pescadores estavam quase desistindo, João Alves, em uma última tentativa, lançou a rede novamente e pescou uma estatueta sem cabeça; em um novo lance pescou a cabeça que se encaixavam, era uma imagem de Santa. Depois disso a pescaria foi um sucesso (BASSETTI, 2004, p. 11).

Desde então, no local da pescaria, era comum a presença de devotos e, aos poucos, começaram a surgir lendas e mitos de como a estátua teria ido parar no fundo do rio e, também, começaram a surgir histórias de milagres e graças atribuídas à imagem de Maria. Com o passar do tempo, a devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida espalhou-se pelo Brasil e os peregrinos vinham até o Santuário de lugares muito afastados da região para vê-la.

De acordo com Alvarez (2014, p. 12), ao longo de três séculos, a imagem vem sendo cultuada, "Primeiro abrigou-se a imagem num oratório doméstico, depois numa capela, mais tarde numa basílica e, por fim, numa construção grandiosa", que hoje é denominada Santuário Nacional de Aparecida.

Em 1980, o Papa João Paulo II, em visita à Aparecida, concedeu à Basílica Nova o título de Basílica Menor. Em 1984, devido a propagação cada vez maior do culto à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a Basílica Menor recebe da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) o título de Santuário Nacional (BASSETTI, 2004, p. 35).

Segundo Souza (2012, p. 40), "Desde o final da década de 1960, os números de visitantes do SNA são contabilizados na casa dos milhões. Esses números foram crescendo e variam também dependendo da época do ano." A devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida é muito grande, o Santuário Nacional de Aparecida recebe milhões de visitantes por ano. Em 2014, foram 12.225.608 pessoas[19].

[19] Informação disponível no portal *a12.com*.

As principais atribuições do Santuário Nacional de Aparecida definidas pelo seu estatuto são: “a promoção do culto público à Nossa Senhora da Conceição Aparecida e levar os peregrinos a maior comunhão e participação na vida e missão da Igreja, integrando-as na sua ação evangelizadora” (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 32).

Por meio do estudo dos documentos, o CDM identificou outras funções atribuídas ao Santuário Nacional: atuação assistencial, relações com a Arquidiocese, comunicação, administração da estrutura física e liturgia. Através da compreensão dessas atribuições foi possível definir os grupos do acervo fotográfico e audiovisual e do acervo textual: Administração; Academia Marial; Arquidiocese; Assistência; Associações Religiosas; Comunicação; Devoção a Nossa Senhora Aparecida; Liturgia; Pastoral; Romaria; Sacramento.

FUNDO: SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA (SN)		
GRUPO	**SUBGRUPO**	**SÉRIE**
Administração (A)	Administração Geral (AG)	- Registro Fotográfico do Conselho Nacional Pró-Santuário; - Registro Fotográfico da Comissão Diocesana de Festas Jubilares; - Registro Fotográfico de assinatura de acordos e convênios; - Registro Fotográfico de reitores do Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Registro Fotográfico dos Tesoureiros da Basílica Velha; - Registro Fotográfico de Atividades Pastorais; - Registro Fotográfico de Funcionários do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

	Administração Instalações (AI)	- Registro Fotográfico do edifício da Basílica Velha; - Registro Fotográfico do Morro do Cruzeiro; - Registro Fotográfico do edifício e dependências da Basílica Nova; - Registro Fotográfico da Passarela da Fé; - Registro Fotográfico da Estátua da Assunção; - Registro Fotográfico da Sala das Promessas; - Registro Fotográfico do Porto de Itaguaçu; - Registro Fotográfico do Arquivo Histórico do Santuário Nacional de Aparecida; - Registro Fotográfico do lançamento da pedra fundamental da Basílica Nova; - Registro Fotográfico de estudos e preparativos para construção da Basílica Nova; - Registro Fotográfico das Fases da Construção da Basílica Nova; - Registro Fotográfico do preparo do terreno para construção da Basílica Nova; - Registro Fotográfico de Vista Panorâmica da Basílica Nova.
Arquidiocese (AQ)		- Registro Fotográfico do Seminário da Arquidiocese de Aparecida; - Registro Fotográfico da instalação da Arquidiocese de Aparecida; - Registro Fotográfico do Colegião; - Registro fotográfico dos Arcebispos da Arquidiocese de Aparecida.
Assistência (AS)		- Registro Fotográfico de Asilo e Leprosário; - Registro Fotográfico da Casa da Criança; - Registro Fotográfico da Escola de Educação Doméstica Sant'Ana; - Registro Fotográfico de Vilas Assistenciais; - Registro Fotográfico da Casa do Pequeno Trabalhador.
Associações Religiosas (AR)		- Registro Fotográfico do Círculo Católico de Aparecida; - Registro Fotográfico do Círculo Católico de São José; - Registro Fotográfico da União dos Moços Católicos; - Registro Fotográfico da Escola Paroquial; - Registro Fotográfico do Círculo Operário; - Registro Fotográfico da Liga Católica Jesus, Maria, José; - Registro Fotográfico de Cruzadinhas; - Registro Fotográfico da Congregação Mariana de Aparecida.
Comunicação (C)		- Registro Fotográfico de visitas de bispos e cardeais ao Santuário Nacional de Aparecida; - Registro Fotográfico de visitas de sacerdotes ao Santuário Nacional de Aparecida; - Registro Fotográfico da visita do Papa João Paulo II ao Santuário Nacional de Aparecida; - Registro Fotográfico de visitas de autoridades políticas; - Registro Fotográfico da visita de personalidades; - Registro Fotográfico de Outros Santuários; - Registro Fotográfico de comemoração jubilar; - Registro Fotográfico de Eventos realizados na Basílica Nova; - Registro Fotográfico da Conferencia Geral do Episcopado Latino Americano e

		Caribe (Celam); - Registro Fotográfico da Primeira Visita do Papa Bento XVI ao Brasil.
Devoção a Nossa Senhora Aparecida (D)		- Registro Fotográfico da reconstituição do achado da Imagem; - Registro Fotográfico da reconstituição dos milagres; - Registro Fotográfico da Imagem de Nossa Senhora Aparecida; - Registro Fotográfico da peregrinação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida; - Registro Fotográfico da Festa da Padroeira; - Postal comemorativo à coroação de Nossa Senhora Aparecida; - Registro Fotográfico da coroação de Nossa Senhora Aparecida; - Registro Fotográfico do Congresso Mariano e do Congresso Eucarístico; - Registro Fotográfico do Aniversário do encontro da Imagem de Nossa Senhora Aparecida; - Registro Fotográfico sobre a outorga da Rosa de Ouro; - Registro Fotográfico de Concursos.
Liturgia (L)		- Registro Fotográfico de Procissão; - Registro Fotográfico da Semana Santa; - Registro Fotográfico do Corpus Christi; - Registro Fotográfico da Semana Eucarística; - Registro Fotográfico das comemorações da Páscoa; - Registro Fotográfico de celebrações eucarísticas na Basílica Velha; - Registro Fotográfico de celebrações eucarísticas na Basílica Nova; - Registro Fotográfico de coroinhas da Basílica Nova; - Registro Fotográfico de coroinhas da Basílica Velha; - Registro Fotográfico das Comemorações do Natal.
Romaria (R)		- Registro Fotográfico de instalações de apoio aos Romeiros; - Registro Fotográfico de Romarias.
Sacramento (S)		- Registro Fotográfico de Casamentos na Basílica Nova; - Registro Fotográfico de Casamentos na Basílica Velha; - Registro Fotográfico de Batizados na Basílica Nova; - Registro Fotográfico de Batizados na Basílica Velha.

Tabela 1: Fundo Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

FUNDO: SANTUÁRIO NACIONAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO APARECIDA (SN)		
GRUPO	**SUBGRUPO**	**SÉRIE**
Administração (A)	Administração geral (AG)	- Jornais / Boletim Interno; - Relatório das atividades administrativas do Santuário Nacional de Aparecida; - Comunicados Internos; - Correspondência expedida e recebida pelo Administrador do Santuário Nacional de Aparecida; - Convênio Canônico entre o Santuário Nacional de Aparecida e a Congregação do Santíssimo Redentor; - Registro de críticas, sugestões ao Santuário Nacional de Aparecida; - Estatutos do Santuário Nacional de Aparecida; - Organogramas do Santuário Nacional de Aparecida; - Conselho Nacional Pró-Santuário Nacional de Aparecida; - Títulos do Santuário Nacional de Aparecida; - Correspondência expedida e recebida pelo reitor do Santuário Nacional de Aparecida; - Normas de funcionamento do Santuário Nacional de Aparecida; - Documentos pessoais dos Reitores do Santuário Nacional de Aparecida.
	Administração instalações (AI)	- Plantas da construção da Basílica Nova; - Relatórios sobre a construção e reforma do edifício e dependências da Basílica Nova; - Projetos de construção de instalações do Santuário Nacional de Aparecida; - Relatórios de controle e manutenção do patrimônio do Santuário Nacional de Aparecida; - Projeto de restauração da Basílica Velha; - Registro de dependências do Santuário.
	Departamento Pessoal (AP)	- Projeto de estruturação de departamentos do Santuário Nacional de Aparecida.
	Financeiro (AF)	- Relatórios Financeiros; - Correspondência expedida / recebida.
	Jurídico (AJ)	- Registro da relação Santuário Nacional de Aparecida x Prefeitura; - CONDEPHAT; - Registros Imobiliários; - Processos de locação de espaços no Santuário Nacional de Aparecida; - Registro de minutas e contratos; - Correspondência Expedida / Recebida.
Academia Marial (AM)		- Diretrizes da Academia Marial; - Encontro Mariano - Mariológico da Academia Marial; - Boletim da Academia Marial; - Pauta de Reunião de Conselho da Academia Marial; - Relatórios de atividades da Academia Marial;

		- Exposição Mariana da Academia Marial; - Congresso Mariológico – Mariano Internacional; - Correspondência Expedida pela Academia Marial; - Correspondência Recebida pela Academia Marial; - Ato de Transferência da Academia Marial da Arquidiocese de Aparecida para o Santuário Nacional de Aparecida; - Recorte de Jornal sobre a Academia Marial; - Palestras apresentadas pela Academia Marial; - Concurso Fotográfico; - Textos sobre Maria.
Arquidiocese (AQ)		- Arquidiocese de São Paulo; - Instalação e estrutura da Arquidiocese de Aparecida; - Correspondência expedida pelo Arcebispo de Aparecida; - Correspondência recebida pelo Arcebispo de Aparecida; - Provisões expedidas pelo Arcebispo; - Decretos e instruções do Arcebispo; - Documentos pessoais de Arcebispos de Aparecida; - Pronunciamento da Arquidiocese de Aparecida; - Relatórios da Arquidiocese; - Publicação da Arquidiocese; - Recortes de Jornal sobre a Arquidiocese; - Carta Pastoral; - Registro da posse de Arcebispos de Aparecida; - Registro de visitas de Arcebispos a Aparecida; - Registro de Documentos da Santa Sé; - CNBB; - Recortes de jornal sobre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; - Publicações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; - Resoluções da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; - Registro de pastorais da Arquidiocese de Aparecida; - Conselho Presbiteral.
Assistência (AS)		- Registro das atividades da Casa do Pequeno Trabalhador e Creche Madre Regina; - Registro de construção e reformas das Casas Assistenciais; - Registro das atividades do Lar São Vicente de Paula; - Relatório de Serviço Social prestado a Comunidade; - Registro do Projeto de Educação Musical do Santuário de Aparecida (PEMSA).
Associações Religiosas (AR)		- Registro da Congregação das Irmãs Mensageiras do Amor Divino; - Registro da Arquiconfraria de Nossa Senhora Aparecida.
Comunicação (C)		- Dossiês sobre a primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil e ao Santuário Nacional de Aparecida;

		- Dossiês sobre a segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil; - Registro de eventos externos; - Projeto de Divulgação do Santuário Nacional de Aparecida; - Recortes de jornal sobre a visita do Papa João Paulo II ao Brasil; - Registro de visitas de autoridades políticas ao Santuário Nacional de Aparecida; - Registro de visitas eclesiásticas ao Santuário Nacional de Aparecida; - Registro de visitas de personalidades ao Santuário Nacional de Aparecida; - Projeto de comunicação pela televisão (Rede Vida / TV Cultura); - Registro de eventos culturais no Santuário Nacional de Aparecida; - Registro de Santuários Marianos; - Registro sobre a utilização da imagem do Santuário Nacional de Aparecida pela mídia; - Registro da Primeira Visita do Papa Bento XVI ao Brasil; - Registro da Conferencia Geral do Episcopado Latino Americano e Caribe (Celam).
Devoção de Nossa Senhora Aparecida (D)		- Coroação de Nossa Senhora Aparecida; - Projeto sobre a réplica da Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Registro de atentados sobre a Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Registros sobre estrutura e restauro da Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Registros da história da devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Translado da Imagem de Nossa Senhora Aparecida da Basílica Velha para a Basílica Nova; - Registro da peregrinação da Imagem de Nossa Senhora Aparecida; - Homenagem a Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Folhetos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Outorga da Rosa de Ouro; - Novena de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; - Registro sobre a Campanha dos Devotos; - Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil; - Registro de Concursos – Festival de Música Mariana.
Liturgia (L)		- Registro de Celebrações internas; - Orientações para as celebrações; - Recortes de jornal sobre o tema liturgia; - Homilias; - Projeto do Clube Acólito Coroinha; - Resoluções da CNBB sobre liturgia; - Registro da atuação de Ministros da Eucaristia; - Registro de Coral.

Pastoral (P)	Pastoral Geral (PG)	- Planejamento da Comissão de Pastoral; - Calendário de Atividades Pastorais; - Recortes de jornal sobre a ação da Pastoral; - Relatório sobre o Ano Santo Mariano; - Relatório de atividades da Pastoral; - Correspondência expedida / recebida pela Comissão Pastoral; - Registro da relação da Comissão Pastoral e o município de Aparecida; - Diretrizes da Pastoral do Santuário Nacional de Aparecida; - Registro sobre a Campanha da Fraternidade; - Secretaria de Pastoral.
	Pastoral dos Sacramentos (PS)	- Normas sobre a realização dos Sacramentos no Santuário Nacional de Aparecida; - Relatório anual sobre os Sacramentos; - Roteiro de Celebração dos Sacramentos; - Comunicados sobre a Pastoral dos Sacramentos; - Estudos sobre os Sacramentos; - Recortes de jornal sobre a Pastoral dos Sacramentos; - Correspondência sobre a realização de casamentos e batizados no Santuário Nacional de Aparecida; - Diretrizes da Pastoral dos Sacramentos.
	Pastoral dos Romeiros (PR)	- Relação de ex-votos; - Estudos sobre Santuários e Peregrinações; - Orientações aos coordenadores de Romarias; - Registro de Romarias; - Guia dos Romeiros; - Registros da Central de Informações; - Diretrizes da Pastoral dos Romeiros - Caminho da Fé.
	Pastoral Vocacional (PV)	- Registro sobre Congressos Vocacionais; - Registro sobre a semana e mês vocacional; - Diretrizes da Pastoral Vocacional; - Recortes de jornal e revista sobre a Pastoral Vocacional.

Tabela 2: Fundo Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

4.2 Fundo: Matriz Paróquia

Não sabemos ao certo se depois da pescaria de 1717 a estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida ficou com João Alves ou Felipe Pedroso, pois são poucas as informações referentes a esse período.

De acordo com Bassetti (2004, p. 15), a imagem pescada “[...] teria inicialmente sido acolhida pelo pescador João Alves, ficando aos cuidados de sua mãe Silvana da Rocha. Mais tarde ficou com Felipe Pedroso, que a entregou a seu filho Atanásio Pedroso.” Nessa época, era comum as pessoas se reunirem aos sábados para rezarem o terço. Depois de, aproximadamente, quinze anos, decidiram construir uma capela para Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Porto de Itaguaçu, mas em pouco tempo a capela tornou-se pequena.

Com isso, reconheceu-se que seria necessário construir um templo, no dia 26 de julho de 1745, a atual Basílica Velha, foi inaugurada e abrigou os devotos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida durante 138 anos (RIBEIRO, 1998, p. 25-26).

Com o passar do tempo, a Basílica Velha tornou-se pequena para abrigar os romeiros, em número cada vez maior. Então se pensou em um novo templo. Segundo Bassetti (2004, p. 35), “A Nova Basílica teve sua pedra fundamental lançada em 10 de setembro de 1946, e as obras de construção iniciaram-se no dia 11 de novembro de 1955”. A Nova Basílica foi projetada pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, trata-se de uma obra grande e complexa, que ainda hoje se encontra em construção e ampliação.

É importante destacar que no espaço da atual Basílica Velha funcionavam, ao mesmo tempo, as atividades do Santuário Nacional de Aparecida e as atividades da Matriz da cidade, essa situação durou até a construção da Basílica Nova. Por isso o acervo possui documentos referentes às atividades e atribuições da Matriz de Aparecida. O fundo Matriz Paróquia foi dividido em: Atividades Paroquiais e Igrejas (DIRETÓRIO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA, s.d., p. 38).

FUNDO: MATRIZ PARÓQUIA (MP)	
GRUPO	**SÉRIE**
Atividades Paroquiais (AP)	- Registro Fotográfico de retiros espirituais; - Registro Fotográfico de Formação de Catequistas; - Registro Fotográfico da cerimônia de Primeira Eucaristia; - Registro Fotográfico de passeios de catequistas e crianças; - Registro fotográfico de leilão em auxílio à Catequese.
Igrejas (I)	- Registro Fotográfico de Outras Igrejas; - Registro Fotográfico da Igreja de Santa Rita; - Registro Fotográfico da Igreja de São Benedito; - Registro Fotográfico da Igreja de Santo Antônio; - Registro Fotográfico da Igreja de Santa Terezinha; - Registro Fotográfico da Festa do Padroado; - Registro Fotográfico da Festa de São Tarcísio; - Registro Fotográfico da Capela de Santa Cruz; - Registro Fotográfico da Capela de São Geraldo.

Tabela 3: Fundo Matriz Paróquia referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

FUNDO: MATRIZ PARÓQUIA (MP)	
GRUPO	**SÉRIE**
Atividades paroquiais (AP)	- Avisos e Atividades Pastorais da Paróquia; - Abjurações; - Atividades Assistenciais.
Igrejas (I)	- Festa de São Benedito; - Festas religiosas.

Tabela 4: Fundo Matriz Paróquia referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

4.3 Fundo: Município de Aparecida

A cidade de Aparecida surgiu devido à aparição da estatueta de Nossa Senhora da Conceição, pescada no Rio Paraíba em 1717, a denominação Nossa Senhora da Conceição “[...] ficou acrescida do adjetivo Aparecida, o qual acabou por ser o nome do município” (SOUZA, 2012, p. 19). A cidade é bem

localizada, no eixo Rio Janeiro – São Paulo. O encontro da imagem deu origem a muitas lendas e mitos, e, também, a uma história que perdura até hoje.

O povoamento da região do Vale do Paraíba "[...] se deu através das sesmarias[20], concedidas pela capitania de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém" (RIBEIRO, 1998, p. 14). O primeiro povoado a ser formado foi Taubaté, em 1630. Depois Guaratinguetá, mais ou menos, em 1640, que mais tarde devido a grande extensão de terras, deu origem à Aparecida. Em 17 de dezembro de 1928, o município de Aparecida, foi emancipado, desmembrando-se de Guaratinguetá.

De acordo com Reis (2008, p. 59), "Em 1745, inaugurou-se a capela de Aparecida no alto do Morro dos Coqueiros." Com isso, temos a primeira rua da cidade, a Rua da Calçada, que proporcionava o acesso à capela. Ao redor da igreja e no decorrer da rua surgiram as primeiras construções residenciais e comerciais, ou seja, a cidade de Aparecida começou a crescer.

O acervo conta com imagens do município de Aparecida: ruas, monumentos, edifícios históricos, personagens ilustres e eventos. E documentos produzidos pela Prefeitura e outras instituições do município de Aparecida, como por exemplo, pela Santa Casa de Misericórdia. O fundo município de Aparecida abrange os grupos: Urbano, Sociedade e Política.

FUNDO: MUNICÍPIO DE APARECIDA (MA)	
GRUPO	**SÉRIE**
Urbano (U)	- Postal da cidade de Aparecida; - Registro Fotográfico de Vista Panorâmica da Cidade de Aparecida; - Registro Fotográfico de Logradouros da Cidade de Aparecida; - Registro Fotográfico de Edifícios Públicos e Monumentos da Cidade de Aparecida.
Sociedade (S)	- Registro Fotográfico de moradores da Cidade de Aparecida; - Registro Fotográfico de Eventos.
Política (P)	- Registro Fotográfico da Câmara Municipal; - Registro Fotográfico do Dia do Desagravo.

Tabela 5: Fundo Município de Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

[20] Antiga medida agrária, trata-se de terras devolutas ou abandonadas, que eram entregues para quem se comprometesse a cultivá-las.

FUNDO: MUNICÍPIO DE APARECIDA (MA)	
GRUPO	**SÉRIE**
Urbano (U)	- Registro sobre o sistema viário de acesso ao município; - Registro sobre Edifícios e Monumentos de Aparecida.
Sociedade (S)	- Recortes de jornal e impressos sobre o município de Aparecida; - Registro sobre a Santa Casa de Misericórdia; - Registro sobre a história do Município de Aparecida; - Registro sobre o turismo em Aparecida.
Política (P)	- Estatísticas do Município de Aparecida; - Emancipação política do município de Aparecida; - Registro sobre atuação de prefeito e vereadores de Aparecida.

Tabela 6: Fundo Município de Aparecida referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

4.4 Fundo Redentoristas

Em 28 de outubro de 1894, chegaram ao Brasil os primeiros missionários redentoristas alemães para administrar o Santuário Nacional de Aparecida e eles realizam esse trabalho até os dias atuais. Em princípio existia um convênio entre Diocese de São Paulo e o Santuário Nacional, atualmente o convênio se dá com a Arquidiocese de Aparecida.

Segundo Souza (2012, p. 24), é importante pensar a relação construída com os missionários redentoristas na região e o Santuário Nacional de Aparecida, pois eles auxiliaram a consolidar e a pensar o Santuário dentro do cenário católico brasileiro. Com os redentoristas iniciaram “[...] os cuidados mais atentos e direcionados da Basílica Velha e a ideia de construir um Santuário maior, com dimensões e espaço suficientes para abraçar o crescente público que se dirigia até à Aparecida.”

O acervo conta com documentos sobre a atuação da Congregação, que é reflexo das relações estabelecidas entre Santuário Nacional e Diocese de São Paulo e Santuário Nacional e Arquidiocese de Aparecida. O fundo Redentorista foi dividido em: Instalações, Religiosos e Missões.

FUNDO: REDENTORISTA (RD)	
GRUPO	**SÉRIE**
Instalações (I)	- Registro Fotográfico das sedes do Convento Redentorista; - Registro Fotográfico do Seminário Santo Afonso.
Religiosos (R)	- Registro Fotográfico de Irmãos e Padres da Congregação Redentorista.
Missões (M)	- Registro Fotográfico da Revolução Constitucionalista de 1932; - Registro Fotográfico das Missões em Aparecida.

Tabela 7: Fundo Redentorista referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

FUNDO: REDENTORISTA (RD)	
GRUPO	**SÉRIE**
Instalações (I)	- Províncias da Congregação do Santíssimo Redentor.
Religiosos (R)	- Registro de Santos e Oblatos Redentoristas; - Recortes de Jornal sobre os Redentoristas; - Correspondência expedida / recebida por membros da Congregação Redentorista; - Registro sobre ordenações e celebrações.
Missões (M)	- Registro de Missões.

Tabela 8: Fundo: Redentorista referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

4.5 Fundo Rádio e TV Aparecida

Em 1935 tem início a história da Rádio Aparecida[21], com a iniciativa dos Missionários Redentoristas que perceberam a importância do rádio como meio de comunicação do serviço pastoral. A ideia foi aprimorada e em 08 de setembro de 1951, com a inauguração das atividades da rádio Aparecida, com o objetivo de evangelizar e divulgar a devoção à Nossa Senhora Aparecida. A Rádio Aparecida oferece uma programação com formação cristã, música, informação e prestação de serviço.

[21] As informações referentes à Rádio Aparecida estão disponíveis no site: < http://www.a12.com/radio-aparecida/institucional/detalhes/radio-aparecida>.

Em 2001, o Ministério da Comunicação fez a concessão de um canal de televisão, a TV Aparecida[22]. Os programas exibidos apresentam conteúdos: religiosos, culturais, educativos, jornalísticos, esportivos, musicais, femininos, filmes e desenhos infantis. A emissora também investe em *casting*, formatos e na concepção de vinhetas e cenários.

FUNDO: RÁDIO E TV APARECIDA (RA)	
GRUPO	**SÉRIE**
Rádio Aparecida (R)	- Registro Fotográfico da Rádio Aparecida.
TV Aparecida (T)	- Registro Fotográfico da TV Aparecida.

Tabela 9: Fundo Rádio e TV Aparecida referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

FUNDO: RÁDIO E TV APARECIDA (RA)	
GRUPO	**SÉRIE**
Rádio Aparecida (R)	- Projetos da Rádio; - Pautas de Programas da Rádio; - Recortes de Jornal sobre a Rádio; - Diretrizes da Rádio.
TV Aparecida (T)	- Convênios da TV Aparecida; - Diretrizes da TV Aparecida; - Pauta de Programas da TV Aparecida; - Recortes de jornal sobre a ação da TV Aparecida.

Tabela 10: Fundo Rádio e TV Aparecida referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

[22] As informações referentes à TV Aparecida estão disponíveis no site: <http://www.a12.com/tv-aparecida/institucional/detalhes/tv-aparecida>.

4.6 Fundo Editora Santuário

Em 10 de novembro de 1900 nasceu a Editora Santuário[23] através da ação dos redentoristas. A Editora Santuário é uma maneira de unir a fé do peregrino com um veículo de comunicação, apresenta como objetivo facilitar, por meio da imprensa, a evangelização. A principal publicação da Editora Santuário é o Jornal Santuário.

FUNDO: EDITORA SANTUÁRIO (ES)
SÉRIE: Registro Fotográfico da Editora Santuário.

Tabela 11: Fundo Editora Santuário referente ao acervo fotográfico e audiovisual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

FUNDO: EDITORA SANTUÁRIO (ES)
SÉRIE: Jornal Santuário de Aparecida

Tabela 12: Fundo Editora Santuário referente ao acervo textual
Fonte: Elaborada com base no Diretório do Centro de Documentação e Memória

Por meio do processo de idealização, construção e manutenção do CDM, é possível perceber a sua relevância e da documentação sob sua guarda, está relacionado à construção de uma identidade e à sensação de pertencimento, e, ainda, estabelece o que será lembrado e o que será esquecido.

Dessa forma, o CDM e os documentos presentes estão relacionados à capacidade de lembrar; é uma forma dos fatos não serem esquecidos, representam a memória e são lugares de memória, pois é uma maneira de aproximar o religioso, o pesquisador, o estudante ou qualquer pessoa, que

[23] As informações referentes à Editora Santuário estão disponíveis no site: <http://www.a12.com/editora-santuario/institucional/detalhes/historia-editora-santuario>.

tenha interesse em entender, pesquisar ou estudar essa temática do passado vivido.

O CDM guarda, organiza e possibilita o acesso a informações especializadas, são documentos que diz respeito à devoção à Nossa Senhora Aparecida, ao Santuário Nacional e a cidade de Aparecida. E ao mesmo tempo preserva a memória, é uma instituição importante para a memória religiosa, da igreja e da cidade, representa aquilo que é importante para um determinado grupo.

É necessário guardar os documentos para tê-los como referência, um exemplo disso é o parque cultural, recreativo e religioso "Magic Park[24]", foi um grande empreendimento e muito bem construído, em que foram investidos milhões de dólares. Apresentava como foco a diversão, os empreendedores não pensaram que a maioria das pessoas que vêm para Aparecida tem como objetivo praticar sua religiosidade e depois alimentar-se, fazer compras (geralmente de lembranças ou artigos religiosos) e divertir-se. O parque faliu. Dom Darci menciona:

> desconhecimento da cidade, o CDM colabora nesse sentido, não só para nós mantermos a memória em tudo aquilo que diz respeito à religião, mas para nós não perdemos o fio condutor da vocação que é próprio desta sociedade e deste lugar, porque se perdermos o fio condutor nós erramos no foco, até dos nossos empreendimentos[25].

O CDM contribui nesse sentido, para conhecer melhor a base sobre a qual foi construída a cultura da cidade, realizar uma pesquisa no CDM é significativo para ter conhecimento sobre o contexto religioso, mas também sobre o contexto civil.

Por meio da divisão dos fundos, podemos entender que o CDM se interessa e conta com documentos que diz respeito às atividades religiosas, administrativas, pastorais, assistenciais e sociais realizadas pelo Santuário

[24] O "Magic Park" localizava-se nas proximidades da Basílica Nova, o parque contava com brinquedos, miniaturas de países e monumentos, um presépio animado por meio de computador e diversas atrações, como: shows, apresentações, teatros, entre outras. No decorrer do tempo, o Santuário Nacional adquiriu o espaço e construiu no local o Hotel Rainha do Brasil.

[25] Trecho da entrevista realizada com Dom Darci José Nicioli.

Nacional. Atividades e eventos ocorridos no Santuário Nacional e nas igrejas da cidade. Documentos sobre o município e produzidos por instituições da cidade de Aparecida. Referentes à Congregação do Santíssimo Redentor e as atividades realizadas. E fazem referência à Rádio e à TV Aparecida, e as atividades por elas desempenhadas, e também à Editora Santuário e materiais produzidos.

Ainda através dos fundos foi possível entender as funções e atribuições do CDM e do Santuário Nacional e as relações estabelecidas com outras instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se responder o seguinte problema de pesquisa: como o CDM e os documentos ali presentes contribuem para a construção da memória? Para fundamentar a problemática, abordamos e discutimos os conceitos de Memória e Centro de Documentação. E apresentamos e caracterizamos o universo de pesquisa, o CDM e os documentos presentes.

O encontro da estátua pelos pescadores foi um acontecimento singular que teve grande relevância para os moradores da região do Vale do Paraíba. No dia 12 de outubro, feriado nacional, comemora-se o dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira oficial do Brasil, é um dia de muitas festividades na cidade de Aparecida e também no Brasil. Para a pessoa que acredita que Nossa Senhora Aparecida é santa remete a um sentimento de identidade.

A princípio o encontro da estatueta, as atribuições de milagres e graças, e a devoção à Nossa Senhora Aparecida foi divulgada e espalhou-se pelo vários lugares do Brasil por meio de relatos. Com o passar do tempo, começaram a criar suportes para a memória, como a construção de uma capela, depois uma igreja e atualmente um templo. E também livros, documentos, objetos, entre outros registros que apoiam o acontecimento.

Para melhor compreender o CDM e os fundos de arquivos presentes, retornamos no tempo e tentamos entender desde o encontro da estátua, a propagação da devoção e a necessidade de construir de uma simples capela até o atual Santuário Nacional, que deram origem a uma cidade.

O Santuário Nacional contava com diversos documentos e objetos acumulados que não apresentavam nenhuma organização. A partir disso surgiu a iniciativa de separar os documentos dos objetos e criar um departamento, o CDM, para atender a necessidade de organizar para disponibilizar essas informações e documentos para atender a necessidade dos usuários.

O CDM conta com uma grande quantidade de documentos textuais, fotográficos e audiovisuais, em diferentes suportes e formatos, que foram produzidos, doados e comprados. O acervo é dividido e organizado em: fundo, grupo, subgrupo e série. Afinal, que documentos o CDM guarda?

O Fundo Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida conta com documentos textuais e imagens referentes à direção e administração do Santuário, que diz respeito às atividades religiosas e pastorais realizadas, sobre a construção e manutenção da estrutura física do Santuário, referentes ao quadro de funcionários e funcionamento dos diversos departamentos, conta com documentos sobre Maria e a devoção à Nossa Senhora Aparecida, que diz respeito a relação do Santuário com outras instituições, sobre as atividades de assistenciais e obras sociais realizadas pelo Santuário; e referentes as visitas e eventos ocorridos no Santuário.

O Fundo Matriz Paróquia: até a construção da Basílica Nova, no local da atual Basílica Velha eram realizadas simultaneamente atividades da própria Basílica e das outras igrejas da cidade, por isso o fundo conta com documentos que fazem referência as atividades, atribuições e eventos realizados pelas igrejas, paróquias e capelas da cidade de Aparecida, como: retiros espirituais, catequese, primeira eucaristia, eventos beneficentes, entre outros.

O Fundo Município de Aparecida: são documentos textuais e fotográficos que possibilitam conhecer a história da cidade e os pontos turísticos, por meio de imagens das ruas, edifícios, monumentos históricos, eventos, moradores da cidade, entre outras. E documentos originais produzidos pela prefeitura e outras instituições do município, por meio deles é possível conhecer as estatísticas da cidade e a atuação administrativa dos políticos.

O Fundo Redentoristas: são documentos que registram a atuação da Congregação Redentorista no exercício de suas atividades e nas relações estabelecidas, documentos pessoais dos religiosos, e documentos referentes as instalações físicas dos missionários redentoristas.

O Fundo Rádio e TV Aparecida: reúne documentos fotográficos referentes à inauguração, funcionamento, funcionários e prédio da radio e TV Aparecida. E documentos textuais referentes a projetos, diretrizes, pautas, recortes de jornais, e convênios.

O Fundo Editora Santuário: conta com registro fotográfico que diz respeito à Editora Santuário e documentos produzidos e publicados, destacando o Jornal Santuário.

Sendo assim, é possível perceber que o CDM possui uma política de cunho religioso. Por meio dos documentos é possível contar uma história de quase 300 anos, conhecer a cidade de Aparecida, o Santuário Nacional e a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

A documentação presente no CDM oficializa um discurso que busca naturalizar a ideia de que a cidade de Aparecida gira em torno da devoção à Nossa Senhora Aparecida e do Santuário Nacional, ou seja, em torno do sagrado.

O CDM está relacionado à ideia de memória e construção da memória, podendo ser considerado um lugar de apoio e complemento para a memória, mas isso acontece desde que acionado como tal pelo religioso, pelo estudante, pelo pesquisador, pelo morador da cidade ou por qualquer pessoa que se identifique com essa temática.

O CDM contribui para a construção de uma identidade e representa a memória de um acontecimento, seja o encontro da imagem, a construção do Santuário Nacional, a chegada e atuação dos missionários redentoristas.

Podemos inferir que a construção e concretização do CDM envolveram e envolvem muitos conflitos e disputas, para selecionar o que convém ser lembrado e o que convém ser esquecido. Estudamos a documentação guardada pelo CDM, mas qual documentação que ele não guarda talvez seja impossível de saber, pois o CDM trabalha com uma temática complexa: a questão da religiosidade e a memória do sagrado.

REFERENCIAS

ALVAREZ, R. **Aparecida**: a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil. São Paulo: Globo, 2014.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BARROS, D. S.; NEVES, D. A. de B. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **TransInformação**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

BASSETTI, J. E. P. **Basílica de Aparecida**: Santuário do Brasil. Florianópolis: Aventura Brasileira, 2004.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 2. ed. rev. E ampl. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BIZELLO, M. L. Informação Arquivada: acesso e memória. **IBERSID**, Zaragoza, p. 261-264, 2009.

CAMARGO, C. R. **À margem do patrimônio cultural:** estudo sobre a rede institucional de preservação do patrimônio histórico no Brasil, 1838-1980. 1999a. Tese (Doutorado). Assis. UNESP.

_____. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Z. L. (org.). **Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas.** São Paulo, Editora da UNESP/ FAPESP, 1999b, p. 49-63.

_____. Centro de documentação e pesquisa histórica: uma trajetória de três décadas. In: CAMARGO, C.; ESCOREL, E.; BASTOS, E. R.; et al. **CPDOC 30 anos.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2003, p. 21-44.

CAMARGO, A. M. de A.; BELLOTTO, H. L. (Coord.). **Dicionário de terminologia arquivística.** São Paulo: AAB-SP/Secretaria de Estado de Cultura, 1996. 142p.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-150, 1998.

CORTEZ, M. T. **Centro de documentação:** implantação com microcomputador. São Paulo: [s.n.], 1987.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995.

LE GOFF, J. **Historia e Memória**. Campinas: editora UNICAMP, 2003.

LOVISOLO, H. A memória e a formação dos homens. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

MURGUIA, E. I.. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I. **Memória:** um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. p. 11-32.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC, v. 10, p. 07-28, dez. 1993.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero.** v.5, n.5, out/2004.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, T. A. P. de. **O Renascimento.** São Paulo: USP, 1995.

REIS, F. J. G. dos. O combate pelo bem: o Santuário de Aparecida como espaço privilegiado de reforma religiosa. In. CASTILHO, E. D.; REIS, F. J. G. dos (Orgs.). **Vale do Paraíba**: pessoas, instituições e movimentos: contribuições relevantes nos séculos XIX e XX. Campinas: Editora Alínea, 2008, p. 53-78.

RIBEIRO, L. B. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I. **Memória:** um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. p. 33-44.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

RIBEIRO, Z. A. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos.** Aparecida: Editora Santuário, 1998.

RODRIGUES, M. **Alegorias do passado:** a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987. 1994. Tese (Doutorado), Campinas, UNICAMP.

_____. **Imagens do passado. A instituição do patrimônio em São Paulo, 1969-1987**. São Paulo, Editora da UNESP/ Imprensa Oficial de São Paulo/Condephaat/ FAPESP. 2000.

SILVA, E. P; FERNANDES, G. C. A temporalidade como constituinte do documento de arquivo: problematizando relações entre os contextos de geração, de tratamento e de uso dos documentos. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas.** n.14, 2012. p.146-162.

SMIT, J. **O que é documentação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SOUZA, B. G. de. **A documentação da fé:** fluxos, apropriações e enquadramentos de objetos votivos no Santuário Nacional de Aparecida. 2012. Tese (Doutorado), Marília, UNESP.

TESSITORE, V. **Os arquivos fora dos arquivos.** São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

_____. **Como implementar centros de documentação.** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

YATES, F. A. **O Iluminismo Rosa-Cruz.** São Paulo: Pensamento, 1983.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Portais eletrônicos:

ARQUIVO NACIONAL: http://www.arquivonacional.gov.br/.

BIBLIOTECA NACIONAL: http://www.bn.br/.

MUSEU NACIONAL: http://mnba.gov.br/.

SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA: www.a12.com.br.

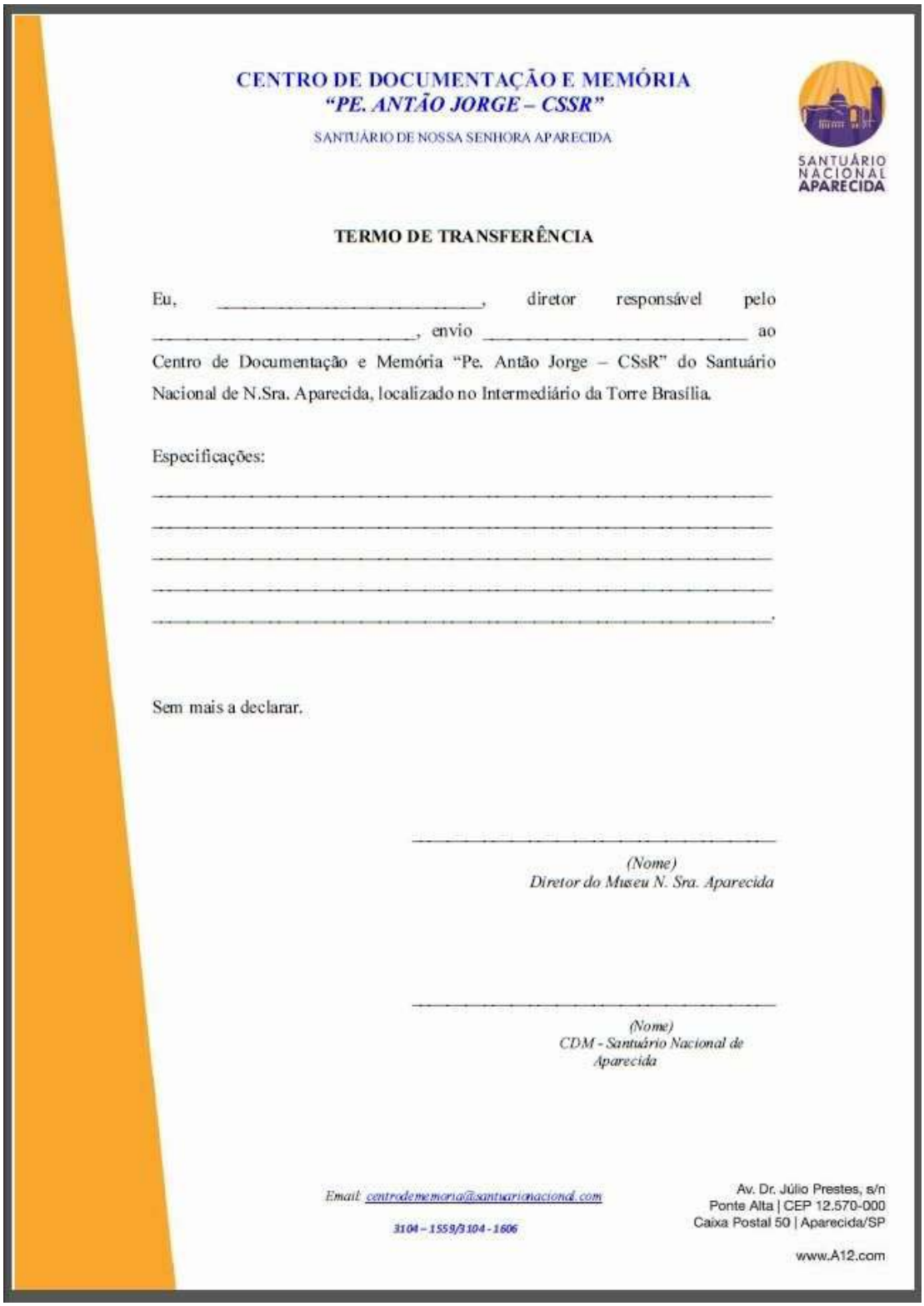
ANEXOS

ANEXO A – Tabela com a relação de documentos presentes na Fundação de Energia e Saneamento sobre o projeto de consultoria realizado no CDM.

Localização	Grupo	Unidade de descrição	Série	Tipo Documental	Descrição	Data
Caixa Arquivo ARQ.INT 404	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Relatório, manual, correspondência.	Organização do Arquivo Histórico Implantação do Centro de Documentação e Memória CDM, relatório de atividades Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida; Manual de normas e procedimento; relatório final prestação de serviços especializados. Correspondência eletrônica referente a álbuns e a conservação deles.	2003 - 2005
Caixa Arquivo ARQ.INT 307	Gerência de Documentação e Projetos		Relatório	Relatório.	Relatórios: Relatório de acompanhamento das atividades de conservação do Projeto de Organização do Arquivo Histórico e Implantação do Centro de Memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição. Aparecida - Aparecida/SP. 12/ 2004 a 04/ 2005 e relatório final de monitoria.	20/06/2005 - 15/07/2005
Caixa Arquivo ARQ.INT 404	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Relatório, manual, correspondência.	Organização do Arquivo Histórico Implantação do Centro de Documentação e Memória CDM, relatório de atividades Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida; Manual de normas e procedimento; relatório final prestação de serviços especializados. Correspondência eletrônica referente a álbuns e a conservação deles.	2003 – 2005
Caixa Arquivo ARQ.INT 407	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Cronologia, minuta de texto, projeto, desenhos técnicos, listagem fotográfica e de materiais.	Materiais e documentos sobre a área de Conservação no projeto; Cronologia histórica da Basílica Nova ou Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.	2003 – 2004

Localização	Grupo	Unidade de descrição	Série	Tipo Documental	Descrição	Data
Caixa Arquivo ARQ.INT 407	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Proposta, projeto, correspondência, apresentação de slide.	Proposta de trabalho prestação de serviços especializados para o Santuário Nacional de Nossa Senhora de Aparecida - Organização do arquivo histórico, implantação do centro de documentação e memória, primeira etapa de reestruturação do museu da torre, diagnóstico e inventário do acervo em exposição, implantação do centro de documentação digital; correspondências a respeito das propostas de trabalho; planilha de recursos financeiros; proposta de trabalho, diagnóstico da documentação; slides mostrando o projeto de reestruturação do museu da Nossa Senhora Aparecida; pauta de reunião.	2003
Caixa Arquivo ARQ.INT 407	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Correspondência, relatório, proposta.	Relatório mensal de atividades relativo à organização do arquivo histórico e implementação do centro de documentação e memória, reestruturação do museu da torre; correspondências a respeito das intervenções no santuário; proposta de acondicionamento e armazenagem de arquivo.	2003 - 2004
Caixa Arquivo ARQ.INT 407	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Orçamento, projeto, proposta, ata de reunião.	Proposta de trabalho diagnóstico da documentação; ata de reunião; projeto do centro de memória do santuário, layout do centro de documentação; orientações para diagnóstico de documentos; Orçamento e custos de materiais necessários para o projeto.	2003
Caixa Arquivo ARQ.INT 435	Gerência de Documentação e Projetos	Dossiê	Projeto Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição - Aparecida	Planta, relatório, layout.	Relatório HVAC Tecnologia em Sistemas Ambientais Ltda. sobre projeto básico para implantação dos Sistemas de Controle Termo Higrométrico e de segurança, e laboratórios de Conservação. Relatório projeto Centro de Memória do Santuário de Aparecida Layout do Centro de Documentação.	2003

ANEXO B: Termo utilizado pelo CDM para a transferência de documentos.



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
"PE. ANTÃO JORGE – CSSR"
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA

SANTUÁRIO NACIONAL APARECIDA

TERMO DE TRANSFERÊNCIA

Eu, _____, diretor responsável pelo _____, envio _____ ao Centro de Documentação e Memória "Pe. Antão Jorge – CSsR" do Santuário Nacional de N.Sra. Aparecida, localizado no Intermediário da Torre Brasília.

Especificações:

_____
_____
_____
_____
_____.

Sem mais a declarar.

_____
(Nome)
Diretor do Museu N. Sra. Aparecida

_____
(Nome)
CDM - Santuário Nacional de Aparecida

Email: centrodememoria@santuarionacional.com
3104 – 1559/3104 - 1606

Av. Dr. Júlio Prestes, s/n
Ponte Alta | CEP 12.570-000
Caixa Postal 50 | Aparecida/SP
www.A12.com

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário respondido pela coordenadora do CDM via e-mail.

QUESTIONÁRIO:

1. O CDM foi criado no final da década de 1990, "com o intuito de preservar a memória do Santuário Nacional e a difusão da devoção de Nossa Senhora Aparecida". Porque apenas nessa data resolveram criar o CDM?

O Santuário começou a ser construído em novembro de 1955 e ainda hoje ainda se encontra em finalização da sua construção.

O CDM foi criado com o intuito de preservar a memória do Santuário. Portanto, como o Santuário, ainda estamos em construção.

Acredito que tenha surgido quando a necessidade foi surgindo.

Antes toda documentação ficava no Arquivo da Cúria Metropolitana.

2. Como aconteceu o processo de criação do CDM?

Foi um projeto idealizado por Dom Darci José Nicioli (na época Padre), Padre Ronoaldo Pelaquin e Professor Manoel Inácio de Moraes. Percebendo a grande procura por informações e documentos a respeito do Santuário, sua criação e a devoção a Nossa Senhora Aparecida, perceberam que seria preciso criar um espaço onde fosse possível o melhor armazenamento e disseminação destes.

Foram contratados alguns profissionais e contaram com a equipe da Energia e Saneamento do estado de São Paulo, para dar consultoria.

Estes profissionais foram treinados por essa equipe. E juntos foram separando, higienizando, catalogando e armazenando esses documentos.

3. Antes da criação do CDM onde os documentos ficavam guardados?

A grande maioria de documentos ficavam arquivado na Secretaria de Pastoral, aos cuidados do Professor Manoel Inácio de Moraes. Mas com o surgimento do CDM , recebemos materiais de outros arquivos, como o da Cúria Metropolitana e dos Missionários Redentoristas.

4. Antes da criação do CDM os documentos já eram disponibilizados para consulta?

Eram disponibilizados mais para públicos internos do Santuário, para a Imprensa e algumas pessoas que entravam em contato com a Secretaria de Pastoral.

5. De acordo com o site a12.com, o CDM recebe diversos pesquisadores do Brasil e do mundo, qual a média de público visitante anualmente?

Nossas pesquisas são realizadas de maneira mais numerosa por meio de e-mails e telefone. Presencialmente, recebemos em média 220 pessoas (público externo) anualmente.

Nosso grande número de solicitações são de público interno. Departamentos do Santuário, TV e Rádio Aparecida, Missionários Redentoristas, Portal A12, entre outros.

6. Quem geralmente é esse público visitante: estudantes, pesquisadores, religiosos?

Na maioria dos casos são pesquisadores que estão escrevendo teses de mestrados, doutorado ou livros. Mas recebemos também, religiosos e estudantes.

7. Quais são os temas mais buscados por esse público?

A história da devoção a Nossa Senhora Aparecida, seu surgimento, as primeiras Romarias e o surgimento da cidade em torno deste acontecimento.

Sempre nos procuram também para estudo da cidade de Aparecida e da Congregação do Santíssimo Redentor.

8. Segundo as informações disponíveis no site a12.com, a missão do CDM é "[...] disponibilizar o acervo e as referências coletadas a todas as pessoas que queiram entender mais sobre a história do Santuário Nacional e da devoção a Nossa Senhora Aparecida." Como o CDM coloca em prática essa missão?

Recebemos diversos pesquisadores, estudantes, jornalistas, devotos, enfim, pessoas com o interesse de conhecer mais de perto e a fundo a história do Santuário, da cidade de Aparecida, dos Redentoristas e da devoção popular a Nossa Senhora Aparecida.

Disponibilizamos estes históricos a todos que necessitam, através de e-mail, telefone, visitas ao Santuário.

Além de estarmos sempre envolvidos diretamente em montagem de livros, folders, Press Kit da Imprensa, documentários, exposições, reportagens, filmes, etc.

Pretendemos futuramente, através do Portal A12.com, disponibilizar nosso Acervo aos Internautas.

9. Com base nas informações disponíveis no site, percebemos que existe uma preocupação com a preservação dos documentos, "Estes importantes documentos históricos ficam acondicionados com toda estrutura adequada a sua preservação em sala climatizada." Quais são os principais cuidados com os documentos, desde a sua chegada até a sua guarda?

Ao recebermos estes documentos, são anotados em uma planilha de entrada, passam por uma triagem (para saber em qual Fundo, grupo, série, será inserido), é higienizado (respeito suas características físicas, Se é textual, fotográfico, áudio – visual), é feita sua ficha e inserido em um banco de dados (Docman), posteriormente é acondicionado com material apropriado e armazenados em Sala com rigoroso controle de temperatura e umidade.

10. O CDM "Hoje abriga o arquivo de mais de vinte mil imagens, slides, filmes, negativos (vidro e acetato). Conta também com inúmeros documentos textuais, como a vinda dos primeiros Missionários

Redentoristas ao Brasil, da construção do Santuário Nacional, dos Papas que visitaram Aparecida, dos diversos acontecimentos históricos, entre outros." Qual a relação entre esses inúmeros documentos e o CDM?

O CDM foi criado exatamente para armazenar, salvaguardar e difundir os materiais que tratam exatamente destes temas citados. Acreditamos que quando não se preserva a memória, o passado, não é possível conhecer o seu presente e muito menos idealizar um futuro. E nossa história (cidadãos de Aparecida) está intrinsecamente ligada, arraigada a estes temas. Não é possível falar de nossa história, sem resvalar nesses temas.

11. O CDM busca preservar a memória, portanto podemos dizer que o CDM e os documentos ali presentes constituem um lugar de memória referente à devoção à Nossa Senhora Aparecida?

Este é nosso principal objetivo, como consta em nosso diretório:

Objetivos gerais: Preservar a memória do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida; Gerenciar o sistema de arquivo do Santuário; Criar um centro de referência sobre a história da devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida; Disponibilizar o acervo e as referências coletadas aos usuários definidos como seu público.

Objetivos específicos: Levantamento da história dos temas relacionados ao surgimento e institucionalização da devoção a Nossa senhora da Conceição Aparecida; Referenciar acervos relacionados às linhas de pesquisa do Centro de Documentação e Memória (CDM); Organizar e acondicionar os documentos, de acordo com as normas de procedimentos; Divulgação do acervo através de exposições, artigos, eventos e outros; Tornar acessível à memória cultural devocional do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

12. Além do espaço no site a12.com, existem outras formas de divulgação do CDM?

Já divulgamos através da Revista de Aparecida (que é uma publicação interna do Santuário Nacional de grande abrangência Nacional e Internacional), em meios de comunicação: jornais e Revistas, a TV Aparecida e outros. Temos

um vídeo que foi feito para a TV Aparecida que se encontra no youtube: https://www.youtube.com/watch?v=0e0E0aMr4_o, e sempre pedimos que seja acrescentado os créditos em todos os trabalhos que cedemos fotos e materiais.

13. Para você, como profissional que trabalha no CDM, o que esse arquivo representa?

Para mim como profissional representa uma consolidação de um ideal, já que trabalhei na biblioteca municipal da cidade. E percebia que não possuíamos os materiais necessários para bem guardar o patrimônio de uma cidade.

Aqui, acredito que estamos bem próximo de um ideal arquivistico. Já que contamos com materiais apropriados para armazenamento, manuseio e disseminação de nosso acervo.

Como filha da cidade de Aparecida, percebo que minha história está bem guardada e preservada, o que me deixa muito feliz por conhecer minhas origens e perceber que meu filho também poderá usufruir disso futuramente. Pois acredito que uma pessoa que não conhece sua história, nunca estará completamente inteira, nunca se conhecerá exatamente.

É aquela frase que diz: “Que um País sem memória, é um País sem futuro”.

14. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi perguntada no decorrer da entrevista?

Gostaria somente de acrescentar que a descrição dos documentos constantes do acervo CDM é realizada com base nos procedimentos determinados pela Norma Internacional de Descrição de Documentos de Arquivo – ISAD (G).

A descrição dos documentos CDM obedecerá à seguinte estrutura:

- **Fundos:** neste nível estão descritos as entidades e empresas presentes no acervo do Centro de Memória: como Santuário Nacional, Editora Santuário e Redentoristas;
- **Grupos:** são as áreas de atuação dentro de fundo. Correspondem às funções exercidas ou departamentos existentes;

- **Séries Documentais:** são os conjuntos documentais produzidos e/ou acumulados pelas áreas (grupos), no cumprimento de suas atividades.

APÊNDICE B: Entrevista realizada no dia 11/03/2015 com Dom Darci José Niciolli.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

ENTREVISTA

B: O CDM foi criado no final da década de 1990, por que apenas nessa data resolveram criar o CDM?

PD: Nós tínhamos um punhado de informações dispersas e nós tínhamos também um museu que não era na verdade um museu, mas era uma sala em que armários guardavam relíquias, coisas importantes, ex-votos, imagens, utensílios domésticos, era um "furdunço". Então começamos a pensar olha precisa começar a organizar as riquezas artísticas que nós temos, começamos organizando o museu e depois começamos a organizar as informações, os documentos, que vieram no bojo dessa organização completa. Então a intenção foi preservar a memória do Santuário Nacional, da história da devoção a Nossa Senhora Aparecida, a partir da organização de todos os nossos documentos que já tínhamos e termos uma técnica não só de arquivos, mas também de possibilitar a pesquisa por parte de estudantes, por parte de historiadores, de escritores... porque é uma forma de divulgar a história de Nossa Senhora Aparecida, do Santuário Nacional e também uma forma concreta de preservar a memória rica desses trezentos anos de história, em 2017 serão trezentos anos de história, a partir da data quando o pescador encontrou a imagem até o dia de hoje essa é a intenção.

B: Antes da criação do CDM onde os documentos ficavam guardados e eles já eram disponibilizados para consulta?

PD: Não, era impossível ser disponibilizado, existia um escritório da reitoria que começou a "botar" um pouquinho de ordem, mas era uma coisa mais caseira, faltava uma técnica, faltava, por exemplo, digitalizar documentos, porque você não pode colocar à disposição documentos sem você ter uma

certa garantia, uma certa segurança, então isso só é possível a partir do momento em que você coloca tudo isso dentro de um sistema, então por isso o CDM veio organizar um primeiro passo que foi dado de organização de documentação no escritório da reitoria, depois separamos do escritório da reitoria e criamos um departamento próprio.

B: Como aconteceu o processo de criação e construção do CDM?

PD: Primeira coisa foi encontrar pessoas capacitadas, profissionais da área, juntamente com os profissionais que já tínhamos ali, formarmos uma equipe e a partir daí então buscarmos informações, qual é o sistema melhor, mais adequado, que tipo de espaço é necessário, separamos então museu e reserva técnica do museu do departamento do CDM, porque as coisas eram todas juntas, integradas, porque são coisas diferenciadas embora sejam vasos comunicantes, mas são coisas diferenciadas, então são hoje departamentos diferenciados.

B: Foram os próprios funcionários ou alguma equipe contratada?

PD: Não, ocupamos os funcionários que já lidavam com isso e contratamos pessoas da área de CDM para isso.

B: Foi uma consultoria?

PD: Foi uma consultoria e depois contratamos mesmo as pessoas que trabalham conosco hoje.

B: Acontece uma seleção dos documentos que vão ou não para o CDM?

PD: A igreja historicamente já tem uma dinâmica própria de fazer a sua história, por exemplo, os livros de tombo, que são próprios das paróquias, toda deve ter o seu livro do tombo, que significa o que, a narração de toda atividade paroquial, das festas dos acontecimentos, etc. Isso já é uma dinâmica da própria igreja, a documentação que existe dentro da igreja ela é fundamental para a história de um país, muito particularmente no ocidente cristão e especialmente no Brasil. Então o Brasil nasce em torno da igreja, se organiza

em torno da igreja, a primeira instituição organizada é a igreja, depois vem então o judiciário, o legislativo, o executivo e etc, mas a igreja, na época se constituía até em um poder juntamente com o estado, não à toa você vê nas cidades históricas que o centro é o judiciário, a prefeitura e a igreja, eram as três instâncias de poder. Então a igreja já tinha toda essa, vamos dizer assim, cultura de arquivar documentos, mas nós não tínhamos a técnica do arquivo de documentos e tudo estava muito misturado. Então foram os profissionais que foram separando aquilo que, por exemplo, era de cunho pastoral, aquilo que era de cunho administrativo, aquilo que fazia parte de documentos históricos, por exemplo, quando em 1930 o Papa Pio IX decretou que Nossa Senhora seria Padroeira do Brasil e Getúlio Vargas acolheu essa nomeação do papa e no Rio de Janeiro na Esplanada do Castelo reuniram-se mais de um milhão de pessoas e foi proclamada então Rainha e Padroeira do Brasil, então há toda uma documentação histórica nesse sentido, escritores, jornais da época, etc. Então toda essa documentação foi sendo segmentada e organizada para ser colocada à disposição do CDM.

B: No CDM tem vários fundos: Santuário, Prefeitura, CSsR... desses documentos o que não fica no CDM?

PD: Eu creio que foi uma metodologia?!

B: E dessa metodologia estabelecida o que documentos não entram/ficam no CDM?

PD: Não, tudo fica no CDM, nada sai do CDM, está feita essa metodologia justamente para que se o assunto pesquisado diz respeito à relação do Santuário com Prefeitura, vai estar na gaveta da Prefeitura, igualmente CSsR.

CSsR é a família religiosa que cuida do Santuário Nacional a mais de 130 anos. Então você pode imaginar que há vasos comunicantes entre CSsR e Santuário Nacional, há momentos em que as coisas até se confundem, o que é congregação e o que é Santuário, porque uma coisa passou a fazer parte da outra. Agora a congregação nos primórdios, tinha como presidência, coordenação, superiorado a Alemanha foi de lá que os padres vieram, então há

muitas cartas da Alemanha para os missionários redentoristas falando sobre o Santuário, então aquilo que é especificamente da Congregação fica no arquivo da congregação e aquilo que é especificamente da congregação e diz respeito ao Santuário ou a devoção a Nossa Senhora Aparecida fica no arquivo do Santuário Nacional no nosso CDM. A congregação tem o seu CDM e o Santuário Nacional tem o seu CDM próprio. Agora aquilo que é da prefeitura fica no Santuário Nacional, simplesmente porque a prefeitura não tem organização nenhuma, se deixar sair documento de lá não vai para lado nenhum e vai se perder.

B: O CDM se interessa por todo documento recebido?

PD: Ele sempre se interessa, o documento que ele recebe ele digitaliza e coloca dentro da metodologia em uma gaveta e ali fica. Porque veja a cidade de Aparecida, como o próprio nome diz, nasce da devoção a Nossa Senhora Aparecida, a cidade de Aparecida nasceu no dia em que a Basílica Velha foi inaugurada, em 1745, quando o Monte Carmelo, tem até a ladeira do Monte Carmelo, inaugurou aquela igreja, ao redor da igreja começa a nascer casas, forma-se a primeira vila, então Aparecida nasce no dia em que nasce a Basílica Velha. Então veja como uma coisa está ligada a outra, não tem jeito de separar o que é devoção à Nossa Senhora Aparecida, o que é Santuário Nacional, daquilo que é cidade nos primórdios, depois que as coisas foram se constituindo como administração a parte, etc, etc, etc. mas todo essa história, de alguma maneira, fala entre si por vasos comunicantes.

B: O que é memória para o senhor?

PD: Memória é tudo aquilo que diz respeito à história: administrativa, religiosa, tanto da cidade de Aparecida como do Santuário Nacional, a tudo aquilo que é interesse dos munípices, a tudo aquilo que é cultura que foi sendo construída ao longo da história neste pedacinho de chão, é memória tudo aquilo que é acontecimento, tudo aquilo que é evento em toda essa história de 300 anos da devoção à Nossa Senhora Aparecida, é memória tudo aquilo que foi celebrado pela cidade e pelo povo, tudo isso é memória. É um arcabouço

então de acontecimentos, sentimentos, produção cultural, folclore, vida... tudo aquilo que é vida é memória.

B: O CDM busca preservar a memória, qual a importância e a contribuição do CDM para a memória religiosa, da igreja e da cidade?

PD: É fundamental, porque a gente costuma sempre dizer um povo que não tem memória não tem futuro, então nós precisamos guardar tudo isso, não simplesmente para ter como arquivo, mas justamente para ter como referência, o passado é muito importante para nós vivermos o presente e projetarmos o futuro. Então é fundamental isso, porque se nós perdermos esta base, sobre a qual foi sendo construída toda essa cultura em torno da devoção e da história de Nossa Senhora Aparecida, nós perdemos o rumo da nossa cidade, eu digo pra você isto, porque isso interessa diretamente não só ao mundo religioso, interessa muito particularmente também ao mundo civil. Por exemplo, alguém que vai fazer um empreendimento na cidade de Aparecida, se ele perder o foco o empreendimento dele não prospera, um exemplo concreto disso, não sei se você sabe, ou se é da região aqui, existiu um grande empreendimento em que foram investidos milhões de dólares, num parque temático chamado “Magic Park”, existiu esse “Magic Park” muito bem construído, com fundos vindos da PREVI (Fundo de Pensão do Banco do Brasil), mais empresários italianos, eles gastaram milhões de dólares para construir esse empreendimento e eles focaram o empreendimento em uma dimensão cultural e de diversão, simplesmente erraram o foco, porque quem vem para Aparecida vem mais para rezar e não para se divertir, simplesmente, não que a diversão não esteja inclusa na romaria, mas a de se ter um espaço que é o espaço principal da viagem para o momento de piedade popular, da pessoa se encontrar consigo mesmo, com Deus, fazer a sua atividade religiosa, depois vem a alimentação, a compra, a diversão, como elementos também da romaria, mas não o foco principal. Ora quando se construiu o “Magic Park” por um desconhecimento da tradição da cidade, pensava-se que o romeiro ia ocupar oito horas do seu dia dentro do parque de diversão, resultado: ninguém entrava, morreu o parque. Hoje é onde nós construímos a cidade do romeiro, porque nós adquirimos depois esse parque falido e construímos o Hotel Rainha do Brasil, aquele

espaço ali era o espaço do “Magic Park”. Agora você imagina, desconhecimento da cidade, o CDM colabora nesse sentido, não só para nós mantermos a memória em tudo aquilo que diz respeito à religião, mas para nós não perdemos o fio condutor da vocação que é próprio desta sociedade e deste lugar, porque se perdermos o fio condutor nós erramos no foco, até dos nossos empreendimentos.

B: O senhor poderia me contar um pouco sobre o processo desde a idealização até a concretização do CDM?

PD: Primeiro surge de uma necessidade, tudo surge de uma necessidade, o que nós vamos fazer com essa montanha de documentos? Como é que nós vamos preservar tudo isso? Como é que nós vamos fazer com que isso esteja ao alcance da mão de quem viesse aqui pesquisar, estudar, etc? E mesmo para nós? Como é que nós teríamos a mão com facilidade certo assuntos? Olha, estou precisando saber o que aconteceu em determinada data e etc? Como que é? Quer dizer, estava tudo embolado, então surge de uma necessidade, necessidade de organizar a documentação para que ela sirva para o nosso trabalho evangelizador e para que pudéssemos também disponibilizar toda essa documentação para sociólogos, estudantes e outros pesquisadores e para que a gente não perdesse também o foco da vocação da cidade de Aparecida. Então surge de uma necessidade.

Depois o próximo passo, se existe a necessidade, como suprir essa necessidade? Vamos atrás de profissionais, gente que entende dessa área, gente que pode nos ajudar a pensar, dar ideias, etc. Então encontrados os profissionais fomos discutir então o projeto o que nós queríamos e o que que eles entendiam que era necessário ser feito, chegamos então a um denominador comum. Daí então foi para adquirir sistemas, que são próprios para isso, armários que precisam para acondicionar documentos, material que é próprio para não deixar o documento amarelar, estragar... quer dizer, aí é questão técnica. Então fomos para o projeto de engenharia do espaço, dos móveis... e também de engenharia de sistema, qual o sistema mais oportuno para isso. E a partir daí então nasceu, aí contratados os técnicos, os técnicos então foram fazendo a limpeza, a organização, “botando” tudo isso dentro de

uma ordem metodológica, digitalizando documentos, é um trabalho artesanal e minucioso e ao mesmo tempo técnico-científico.

B: Para o senhor, um dos idealizados do CDM, o que esse arquivo representa?

PD: Para mim é muito importante o CDM no sentido de que nós temos o passado à mão e a certeza de que o presente também está sendo registrado de forma que assim nós estamos muito mais seguros para encontrar caminhos em vista de um futuro e etc.

B: De onde vêm os documentos que estão no CDM?

PD: Documentos produzidos pelo próprio Santuário nas relações com Roma, com Alemanha, com a sociedade civil e etc. Documentos doados de pessoas que, por exemplo, alguém que tem lá um papelzinho de alguém que morreu e recebeu lá da Confraria Nossa Senhora Aparecida lá de mil novecentos e bolinha, então mandou para nós e a gente então guardou aquilo com muito carinho, arquivou e etc. Então têm de tudo, documentos produzidos, documentos doados, documentos comprados, por exemplo, nós compramos alguns documentos dos descendentes do Benedito Calixto de Jesus Neto, que foi o arquiteto do Santuário Nacional, ele faleceu e muita coisa deve ter ficado na família dele, e depois então um sobrinho veio e disponibilizou esses documentos, mas quis em contrapartida algum valor e a gente achou interessante para o Santuário, compramos então da família alguma coisa, mas a grande maioria é produzida e doada, documentos produzidos e documentos doados e materiais também doados.

B: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não foi perguntada?

PD: Eu digo assim, que quem quiser fazer um estudo religioso, sociológico, histórico, teológico... da devoção à Nossa Senhora Aparecida, da cidade de Aparecida e da história do Santuário Nacional não pode fazê-lo sem uma pesquisa profunda no CDM nosso, do Santuário Nacional, ali está uma fonte infinita de informação.